

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ANA PAULA SILVA LADEIRA COSTA

O USO DA TV NA ESCOLA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

JUIZ DE FORA

1º SEMESTRE DE 2004

|

**O USO DA TV NA ESCOLA**  
**Possibilidades e Desafios**

por

Ana Paula Silva Ladeira Costa

(Aluna do Curso de Comunicação Social)

Monografia apresentada à Banca  
Examinadora na disciplina  
Projeto Experimental II.  
Orientador Acadêmico: Prof. Dr.  
Ernani Almeida Ferraz.

COSTA, Ana Paula Silva Ladeira. **O uso da TV na Escola:**  
Possibilidades e desafios. Juiz de Fora. UFJF; FACOM,  
1°.Sem.2004, 127.fls. Mimeo. Projeto Experimental do Curso  
de Comunicação Social.

Banca Examinadora:

---

Prof. Cristiano Rodrigues  
Relator

---

Prof. Ms. Álvaro Americano  
Prof. Convidado

---

Prof.Dr. Ernani Almeida Ferraz  
Prof. Orientador

Projeto examinado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

*Aos meus pais, Maria do Carmo  
e José Ladeira, pelo amor  
incondicional e pelo  
fundamental apoio nos meus  
estudos: tanto nos momentos de  
vitória, quanto nos momentos  
de desânimo.*

*Aos meus irmãos Raphael e  
Fernanda, pela amizade e  
carinho constantes.*

*Ao Adilson, com amor, por  
fazer parte da minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por todas as bênçãos recebidas até hoje.

Aos professores e funcionários das escolas entrevistadas, que me abriram as portas para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de turma com quem dividi as incertezas desta fase que deixará saudades.

Aos professores Álvaro Americano e Márcio Guerra, pela amizade e pelas oportunidades de aprendizagem oferecidas. Ao Paulo Soares e Marcos Orlando, pela transmissão de experiências.

Aos meus amigos e familiares.

Meu agradecimento especial ao professor e orientador Ernani Ferraz, que já no início do curso despertou meu interesse pelos Estudos da Recepção e soube transmitir conhecimento e amizade, fundamentais para a realização desta pesquisa.

Educar em Três Tempos:  
Presente, Passado e Futuro

Eu educo hoje com valores que recebi ontem  
Para pessoas que são o amanhã  
Os valores de ontem, os conheço  
Os de hoje, percebo alguns.  
Dos de amanhã, não sei.

Se só uso os de hoje, não educo.

Complico.

Se só uso os de ontem, não educo.

Condiciono.

Se uso os de amanhã, não educo.

Faço experiências à custa das crianças.

Se uso os três, sofro, mas educo.

Por isso, educar é perder sempre sem perder-se  
Educa quem for capaz de fundir  
Ontens, hoje e amanhãs,  
Transformando-os num presente onde  
O amor e o livre arbítrio sejam as bases.

(Artur da Távola)

## S I N O P S E

Análise do uso de TV enquanto tecnologia de comunicação para transmissão de conteúdos escolares, através de Trabalho de Campo junto a professores de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Juiz de Fora.

## S U M Á R I O

### 1. INTRODUÇÃO

### 2. AS MÍDIAS NAS ESCOLAS

2.1- *Conceitos e Preconceitos do uso da TV na Escola*

2.2- *Receptores Diversos para uma única forma de Educação*

### 3. GÊNERO TELEVISIVO: POSSIBILIDADES DE USO

### 4. TV ESCOLA

4.1- *Apresentação*

4.2- *Metodologia*

4.3- *Resultados*

### 5. TRABALHO DE CAMPO

5.1- *A escolha do Campo*

5.2- *Técnica de Abordagem*

### 6. ANÁLISE DOS DADOS

### 7. CONCLUSÃO

### 8. BIBLIOGRAFIA

## 9. ANEXOS

9.1- *Entrevista com professora P1*

9.2- *Entrevista com professora P2*

9.3- *Entrevista com professora P3*

9.4- *Entrevista com professora P4*

9.5- *Entrevista com professor P5*

## 1. INTRODUÇÃO

A chegada de novas tecnologias de comunicação às Escolas, aliada às novas gerações de alunos que convivem diariamente com a Internet e a Televisão, além do uso destas mídias nas atividades didático-pedagógicas pelos professores, nos faz pensar sobre as formas pelas quais estes novos instrumentos de informação podem contribuir para a melhoria do Ensino.

Este trabalho busca estudar a Televisão como uma linguagem motivadora, fonte de aprendizado e como possibilidade de conhecimento, ainda que estejamos cientes de todo o aspecto manipulatório e alienador da TV enquanto meio controlado pela classe dominante, pelo poder político e pela economia capitalista.

Nossa intenção aqui não é fazer uma análise profunda da Educação à Distância, ainda incapaz de se responsabilizar pela formação do estudante. Não pretendemos também nos prender exclusivamente ao uso de diferentes gêneros televisivos no desenvolvimento de atividades pedagógicas com a finalidade de transformar alunos em telespectadores críticos.

Sabemos da importância destes exercícios em sala de aula. Porém, pretendemos aqui fazer uma análise das diferentes possibilidades de utilização dos gêneros televisivos como material de apoio pedagógico, de ilustração e de aprofundamento dos conteúdos escolares. E,

principalmente, realizar uma análise do uso de programas educativos produzidos especialmente com o intuito de ensinar, instruir ou educar.

Como Estudo de Caso, refletiremos sobre o uso dos programas educativos produzidos pelo TV Escola, um projeto lançado oficialmente pelo MEC em março de 1996, com o propósito de atender às necessidades e carências mais urgentes da Educação Brasileira.

Com base neste estudo, no segundo Capítulo abordaremos como as mídias têm assumido novos espaços na sociedade, especialmente na Escola: de que forma isso é aceito pelos professores e de que forma a leitura de suas mensagens é realizada pelos alunos.

No terceiro capítulo, discutiremos as diversas possibilidades de uso da Televisão pelo professor em suas atividades pedagógicas.

No quarto capítulo, faremos um breve relato sobre o programa TV Escola e, em seguida, nos capítulos 5 e 6, trataremos de uma Pesquisa de Campo realizada em Escolas Públicas de Juiz de Fora, com o intuito de verificar o impacto causado pela aplicação dos meios audiovisuais nas atividades didático-pedagógicas.

## 2. AS MÍDIAS NAS ESCOLAS

A inevitável articulação entre a sociedade contemporânea e suas instituições, neste caso, o sistema de ensino, nos leva a considerar os agentes e estímulos dos quais ambos são alvos. Hoje se observa a chegada de novas tecnologias de informação às redes de ensino, tornando a escola mais um campo social dominado pela mídia eletrônica. Isso acontece através de professores e alunos, que a cada dia provam que a televisão, a internet e o jornal, por exemplo, estão dentro da sala de aula.

Na verdade, o que observamos é uma sociedade moderna ampliando e diversificando suas possibilidades de interação mediatizada desde a segunda metade do século XIX, através de novos procedimentos e tecnologias, que vão compondo, ao lado do livro e do jornal (os dois principais processos mediáticos anteriores e já multiseculares), um conjunto crescentemente complexo<sup>1</sup>.

Desta forma, os meios de comunicação atualmente adquirem a importância de veiculadores de conhecimento, tarefa antes restrita às instituições de ensino. Professores passam a utilizar este instrumento, cientes que, para uma participação ativa na sociedade é necessária a formação de cidadãos críticos, capazes de refletir a respeito de fatos cotidianos

---

<sup>1</sup> BRAGA, J.L., CALAZANS, R. 2001, p. 19

mas, principalmente, das mensagens recebidas diariamente através dos jornais, revistas, televisão, rádio e internet.

...O ângulo comunicacional passou a ser relevante no espaço de todas as instituições e atividades da sociedade - na política, na saúde, nos negócios, na literatura, na economia, nas artes, nas ciências sociais, na educação.<sup>2</sup>

Complementando esta idéia, Angela Shaum diz que o conjunto comunicacional não deve ser entendido como uma estrutura que aprisiona, mas que serve como "*lentes*" que *lançam um olhar através da realidade*.<sup>3</sup>

Desta forma, entende-se que o uso da Televisão na Escola pode contribuir para a percepção da realidade dos estudantes, preparando os alunos para as mudanças ocorridas na sociedade, vista agora como uma "Sociedade da Informação" na qual a velocidade, as distâncias e as relações humanas sofrem interferência direta destes meios.

Entre as diversas mídias utilizadas pelos professores, o jornal e as revistas como produtos da indústria cultural de massa, tornam-se responsáveis pela transmissão de informação e entretenimento, sendo muito utilizados na divulgação de conhecimentos mais especializados e na documentação dos acontecimentos. Com isso, tornam-se um instrumento de auxílio ao professor com bastante frequência.

---

1 2 BRAGA, J.L., CALAZANS, R. 2001: p.09

3 SCHAUN, A. 2002: p. 23

2

3

Ter familiaridade com textos de jornal significa ter superado um forte obstáculo ao acesso à informação e, indiretamente, à língua culta. Para a maioria dos jovens, a leitura de jornal constitui uma tarefa enfadonha e desinteressante. O primeiro passo da escola será mudar essa imagem.<sup>4</sup>

Com a crescente chegada dos recursos técnicos às Escolas, possibilitando a utilização de TV e do vídeo cassete pelos professores nas atividades com os alunos, percebeu-se uma nova parceria: a da Educação com o Cinema. Se por um lado, *a escola tende a generalizar a crítica que se faz à baixa qualidade de alguns filmes e ao exagero na veiculação de imagens de violência*<sup>5</sup>, alguns professores têm contribuído para a valorização do Cinema, enquanto patrimônio cultural da sociedade. Além de *"ilustrar", de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis*<sup>6</sup>, o Cinema oferece a oportunidade de despertar o interesse dos alunos por verdadeiras obras cinematográficas, se as atividades forem bem planejadas pelo professor.

Segundo Rosália Duarte, até mesmo os filmes considerados ruins, são capazes de *despertar o interesse e estimular a curiosidade em torno de temas e problemas que, muitas vezes, sequer seriam levados em conta*<sup>7</sup>.

---

4 RAMOS, J. M. 1999: p. 33

5 DUARTE, R. 2002: p. 86

6 DUARTE, R. 2002: p. 87

7 DUARTE, R. 2002: p. 89

8 BRAGA, J.L., CALAZANS, R. 2001: p. 92

Paralelo à utilização de filmes nas Escolas, o advento da TV tem ocorrido não somente através de iniciativas individuais de professores, mas também por meio de ações governamentais e não-governamentais, de instituições que perceberam a importância deste recurso na formação dos alunos.

As finalidades de utilização da TV nas atividades são inúmeras, assim como a variedade de gêneros televisivos que podem ser utilizados, divididos em programas educativos e não-educativos, como veremos detalhadamente no capítulo 3 .

Além disso, o uso da Televisão, dos computadores e da Internet nas Escolas poderá propiciar a inserção dos alunos na sociedade contemporânea, uma sociedade midiaticizada e interligada por uma rede de computadores.

As comunicações mediaticizadas ampliam desmesuradamente as informações disponíveis, oferecem imagens (do mundo ou virtuais) de modo proliferante, criam contatos entre áreas (geográficas, contextuais, temáticas, processuais) antes praticamente separadas, aceleram interações.<sup>8</sup>

---

8

## *2.1- Conceitos e preconceitos do uso da TV na Escola*

Em 18 de setembro de 1950, entra no ar o primeiro programa de TV no Brasil. Era o início da história da TV Tupi, canal 3, implantada por Assis Chateaubriand. O Brasil era o quarto país do mundo a transmitir uma programação televisiva, mas a Televisão só veio a emplacar no país com a proteção do regime militar, entre 1964 e 1985, tornando-se então acessível às camadas mais populares da sociedade, ainda que em espaços geográficos dispersos.

O paradigma desta simbiose entre o regime e a mídia, num favorecimento recíproco e eticamente duvidoso, foi a Rede Globo. Esta característica histórica fez com que muitos professores, sobretudo de humanidades, vissem na escola uma trincheira de resistência política à (con)formação das consciências e à internacionalização da cultura e dos hábitos de consumo que a TV estimulava.<sup>9</sup>

Convencidos de que a mensagem transmitida pela TV é quase sempre uma mensagem de caráter manipulatório, ditada pela regra daqueles que detém o poder das telecomunicações e da economia, transmitindo crenças e valores que lhe interessam em determinado momento, muitos educadores responsabilizam ainda a TV pela transmissão de mensagens de baixo cunho cultural, transformando a Escola num espaço de oposição à cultura televisiva. Estas características da Televisão se justificam basicamente pela guerra por

<sup>9</sup> NAPOLITANO, M. 2003, p. 18

audiência, que reduz drasticamente os objetivos da TV em entreter e vender. Para aumentar o Ibope, alguns donos de emissoras, assim como seus produtores, põem no ar uma programação bruta, dolorosa e sensacionalista, proporcionando, segundo os mais críticos, o aumento da violência na sociedade, a espetacularização do banal e também a erotização precoce das crianças e jovens.

É comum ainda a exposição da intimidade e da sexualidade de pessoas públicas ou simplesmente anônimas, gerando uma confusão entre o que é espaço público e privado e o desejo de notoriedade. Tudo isso torna-se, muitas vezes, fato comum, selecionado diariamente como pauta da programação televisiva para garantir maior visibilidade. A possibilidade de utilizar a TV como um veículo de informação e também de educação deixa muitas vezes de ser aproveitada para aumentar os índices de audiência da emissora.

...é a tendência ao sensacionalismo e ao conteúdo de baixo nível ético, estético e cultural que parece marcar os programas ditos populares, sobretudo os programas policiais e de variedades. Muitos professores, de diferentes ideologias, questionam o nível geral dos programas, e neste caso podem transformar a escola em um espaço de resistência cultural e educacional contra a tendência à massificação e o baixo nível veiculado pela TV.<sup>10</sup>

Em contrapartida, muitos produtores, jornalistas, donos de emissoras, autores de novelas e apresentadores se

---

1 0 NAPOLITANO, M. 2003: p. 18

preocupam com o conteúdo transmitido pela Televisão. Chegam a se comprometer com o perfil educativo que a TV pode assumir, colocando em evidência discussões e polêmicas a respeito de temas como: política, saúde, educação sexual, etc. Autores de novelas, por exemplo, criam falas para seus personagens que nem sempre são assuntos ligados à narrativa, fazendo com que muitas novelas não sejam apenas programas de entretenimento, mas de prestação de serviços, informação e até mesmo de educação.

Aos poucos, a Televisão se tornou um instrumento capaz de ensinar sem sequer tentar trilhar exclusivamente o caminho da educação. E a escola, em situação de desvantagem, permaneceu tentando ensinar sem tanto sucesso como pretendia. E, mesmo que a TV mantenha notória influência e ascensão na sociedade, a Escola tenta manter sua posição de veiculadora do saber legítimo.

Até recentemente parecia haver uma recusa na idéia de que pudesse ocorrer aprendizagem a partir da mídia de comunicação geral- como se a "aprendizagem autorizada" ou legitimada pela Escola fosse a única "verdadeira", ou devesse ser usada como padrão e critério de cotejo. Esta reação de recusa refere-se sobretudo ao período de ênfase dos meios audiovisuais.<sup>1</sup>

Heloísa Dupas Penteado, em "Televisão e Escola- conflito ou Cooperação?" assinala duas formas as quais a Escola pode se posicionar em relação à Televisão: enquanto competidora,

---

1 1 BRAGA, J.L., CALAZANS, R. 2001: p. 93

em condições de desvantagem e enquanto uma instituição capaz de aceitar a colaboração deste veículo.

Penteado destaca que, como competidora da Escola, a Televisão é acusada de:

- roubar das crianças e adolescentes muitas horas de estudos, bem como de outros afazeres saudáveis, como de brincadeiras, jogos e esportes;
- expor os jovens telespectadores a uma linguagem oral padronizada, cheia de chavões, empobrecida;
- apresentar, através do recurso da imagem, reduzida em sua potencialidade reveladora (pela linguagem oral, tal como é utilizada), uma dada versão do fato, que "passa" como se fora o "próprio fato".<sup>12</sup>

Enquanto colaboradora da Escola, Penteado ressalta as críticas atribuídas à Televisão:

- desestímulo à aquisição de informações por outros meios que exijam maior esforço, como a leitura de textos escritos, por exemplo;
- desinteresse pelas aulas, uma vez que não se apresentam tão sedutoras e atraentes.<sup>13</sup>

Marcos Napolitano, em *Como Usar a Televisão na Sala de Aula*, destaca que a Televisão assumiu parte dos objetivos e deveres que antes eram exclusivos da Escola:

Desde o século XIX e até meados do século XX, a escola foi hegemônica na formação e transmissão de valores, atitudes e conteúdos de conhecimentos básicos para a socialização das grandes massas urbanas. A dinâmica deste processo vem se transferindo para a mídia, sobretudo a TV, mesclada a interesses ideológicos e comerciais dos grandes conglomerados econômicos em simbiose com parte

---

1 2 PENTEADO, H.D. 1991: p. 114

1 3 PENTEADO, H. D. 1991: p. 114

das elites políticas (não é raro que um parlamentar seja dono de um rádio ou de uma emissora de televisão).<sup>14</sup>

A TV, apesar de tão pouco tempo de existência, tornou-se praticamente um elemento constitutivo de nossa cultura e de outras culturas existentes. Por ser capaz de atingir várias regiões geográficas e ser de fácil acesso, se instaurou com seu perfil sedutor e linguagem atraente.

Pelas características do "espetáculo" e da "imagem", portanto, a TV ultrapassa a possibilidade de constituir um dos processos de controle social e é em si mesma um recurso (chegando mesmo a constituir um risco) que sensibiliza para o novo, que pode criar disponibilidade para a mudança.<sup>15</sup>

Neste sentido, a TV passa a penetrar mais ainda o espaço educacional, invadindo áreas antes exclusivas dos professores e dos livros escolares, considerados como saberes legítimos. Daí, o temor de muitos profissionais, preocupados com a substituição de sua mão-de-obra por este possível novo instrumento de ensino.

Não se pode esquecer a pressão do mercado, que está mais interessado em vender seus produtos e torná-los rapidamente obsoletos, do que em garantir condições mais qualitativas de aprendizagem. Com cada vez maior frequência e insistência, compram-se computadores e montam-se programas de televisão, embora seu efeito educativo ainda seja mais uma promessa que uma garantia prática.<sup>16</sup>

---

1 4 NAPOLITANO, M. 2003: p. 18

1 5 PENTEADO, H. D. 1991: p. 20

1 6 DEMO, P. 1998: p.10

Segundo Pedro Demo, os avanços no campo educacional não são capazes de acompanhar os avanços tecnológicos do campo comunicacional. Mas, mesmo transformando o formato dos programas educativos, tornando-os mais atraentes, utilizando recursos tecnológicos e efeitos especiais provenientes de todos estes avanços, a aprendizagem dos alunos ainda continua baixa, mostrando que *a velocidade com que cresce a instrumentalização eletrônica não é correspondida com as expectativas de aprendizagem.*<sup>17</sup>

O formato atrativo da Televisão passa a ser considerado ainda mais perturbador pelos educadores, preocupados com as mudanças que a TV provoca em valores culturais tradicionalmente estabelecidos.

Hoje, estudos comparados em todo o mundo dão conta de que ainda há um verdadeiro descompasso entre o mundo da educação e o mundo da comunicação. O papel do educador diante dos novos paradigmas da comunicação: sente-se atônito, pois seus paradigmas são inspirados na modernidade- sistemas bipolares, dicotomias, evolucionismo, causalidade, estruturas, rigidez, disciplinas, linearidade - enfim, a imagem de um mundo clássico e que evolui segundo padrões preestabelecidos. Tais paradigmas já não garantem a legitimidade globalizadora e a irreversibilidade do sistema-meios, pelo qual a educação deveria adotar um modelo descontínuo e de incertezas.<sup>18</sup>

Grande parte dos deveres a serem cumpridos pela Escola, como a transmissão de valores éticos, culturais e até mesmo

---

1 7 DEMO, P. 1998: p. 13

1 8 SCHAUN, A. 2002: p. 85

didáticos, são assumidos, aos poucos, pela Televisão. Em muitos casos, a TV chega a ser considerada um espaço de mais credibilidade até mesmo que a escola e a igreja, instituições tradicionais, mas que perdem aos poucos sua capacidade de identificação com a sociedade.

Em termos políticos, pode-se tomar a análise de um conjunto de programas ditos "populares" e debater a respeito de como a TV tem ocupado um espaço importante na cultura, oferecendo-se como uma instância que acolhe os grupos menos favorecidos, os desprotegidos, não exatamente para resolver seus problemas, mas para oferecer-lhes "um espaço de reinvidicações e, também, de indenizações simbólicas"<sup>19</sup>

Além disso, a Televisão se tornou mais um meio de comunicação capaz de exercer o papel de registro histórico, através de suas imagens, seu som, de sua linguagem inovadora, do poder de convencimento que ela possui e através de seus depoimentos. É através da televisão que a população passa a se informar diariamente de acontecimentos do Brasil e do exterior. E é por isso que, hoje em dia, só é considerado notícia aquilo que passa pela mídia eletrônica.

As tecnologias avançadas trouxeram no seu bojo a expressão de um novo tempo- a era da Informação, modificação de hábitos e comportamentos principais e organizacionais. Isso exige de planejadores e organizadores de quaisquer organizações, inclusive e principalmente das instituições de ensino superior, uma postura mais reflexiva sobre uma adequação frente à nova realidade e à educação voltada ao mundo globalizado.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup>SARLO, B. 1997, p. 79 *apud*: FISCHER, R. M. B., 2001: p. 108

<sup>20</sup> SCHAUN, A. 2002: p. 87

Ora, isso nos faz refletir a respeito da necessidade de mudanças na estrutura organizacional da Escola: burocrática, ainda pouco preparada para atender a demanda social, conservadora em sua pedagogia e falha em seus objetivos. Enquanto isso, a TV, tão atraente, falando a linguagem universal, organizada num sistema de produção industrial, causa temores e desafios àqueles que percebem que é um meio capaz de produzir e difundir conhecimentos. Sua linguagem é sintética, pois é capaz de apresentar, de forma eficiente e rápida, narrativas, problemas e situações complexas. Tudo isso graças à combinação de elementos sensoriais como som, imagem, cor e texto. Muitas vezes, transmitir uma informação pela televisão é mais prático e mais rápido que transmiti-la através de um texto escrito ou de uma linguagem oral. Isso porque a Televisão é mais rica em estímulos, capaz de apresentar através de imagens, aquilo que demoraria mais tempo para ser descrito através das palavras. Ela disponibiliza, armazena e troca informações em grande velocidade. Além disso, é capaz de ilustrar, com movimentos, o que antes era visto apenas em fotos nos livros didáticos. Porém, apesar do caráter informativo, de possibilitar o ensino, a formação e a educação ainda são apenas garantidos com a presença do professor na sala de aula. É o que afirma Pedro Demo, em "Questões para a Teleducação":

**...a instrumentação eletrônica não é, de si, educativa ou formativa.** É facilmente informativa, atraente, dinâmica. Mas seu impacto educativo, como regra, provém da ambiência humana implicada no processo formativo, não dela mesma.<sup>21</sup>

O educador, deve porém, saber aproveitar os recursos da TV, lançando um olhar mais crítico e atento sobre o aparelho, o que muitas vezes não acontece pela impossibilidade habitual de permanecer por muito tempo num só canal, pela falta de tempo e pelo desinteresse.

Eleger a TV como material de estudo na educação tem também esse sentido, de ir além, além de nossas cotidianas e mínimas ações sobre as imagens, mas sempre respeitando-as, partindo delas, a fim de dinamizar e multiplicar o vivido, experimentar com fruição e pensamento todos esses artefatos culturais que olhamos e que nos olham.<sup>22</sup>

É preciso ainda que o professor saiba criticar imparcialmente e distinguir o que é realmente mostrado na Televisão do que é sua opinião pessoal, seu julgamento. E aí sim, desta forma, saber trabalhar eficientemente o uso da Televisão na sala de aula.

O que se conclui, a partir de tais fatores, os professores podem adotar posturas tão diferentes diante da TV. Se, por um lado, alguns professores sentem a impossibilidade de utilizar este recurso para o benefício da Educação, outros depositam todas suas esperanças em resolver

---

<sup>21</sup> DEMO, P. 1998: p. 10

<sup>22</sup> FISCHER, R. M. B. 2001: p. 53

os problemas pedagógicos através deste meio, chamando a atenção dos alunos e diminuindo o desinteresse pelo assunto estudado.

Como símbolo de identidade e como gerador de exigências, como benfeitor e como gerador de dependências, a televisão como totem provoca uma ambivalência afetiva. Ela é amada e odiada, desejada e desprezada. E tudo isso se manifesta na multiplicidade de expressões com que é conhecida: a escola paralela, a sala de aula sem paredes, a aula eletrônica, a caixa sábia, a caixa tola, a caixa mágica, a babá eletrônica, o terceiro pai...<sup>23</sup>

O que deve ficar bem claro tanto para os professores, mas principalmente para os alunos, é que o uso da TV na escola não é, ao contrário de que muitos pensam, uma forma de lazer, de aliviar a rotina cansativa da Escola, ou uma mera ilustração do que é falado em sala de aula.

...há os que agem pela subalternidade, engolindo a parafernália eletrônica sem qualquer preocupação crítica; e há os resistentes, que confundem espírito crítico com desconhecimento.<sup>24</sup>

Geralmente, os mesmos professores que investem todas suas expectativas na Televisão para a solução de seus problemas, acreditam ainda que a Educação através da TV é capaz de fornecer facilidades que o livro didático e as aulas não oferecem.

---

2 3 FERRÉS, J. 1996: p. 08

2 4 DEMO, P. 1998: p. 11

A teleducação está marcada por facilidades duvidosas, que não são amparadas pelo desafio da aprendizagem autêntica, como bastar-se com ver televisão, estudar à distância, investir o mínimo ou nenhum esforço, etc. Imagina-se que tudo vai tornar-se mais ou menos uma brincadeira, como é ver novela, algo atraente, emocionante, envolvente.<sup>25</sup>

Se, por um lado a teleducação priva os alunos de aulas meramente expositivas, em que os professores apenas reproduzem informações para os estudantes, por outro lado, isto tem provocado um fenômeno muito comum nas escolas do país.

...o curto-circuito já clássico de colocar computador ou parabólica nas escolas, sem atentar para a necessidade de reconstrução por parte do aluno e da presença de um professor capaz de motivar a superação da mera instrução em favor do compromisso com a formação.<sup>26</sup>

Conscientes ou não da importância do uso da TV na escola, contra ou a favor ao uso didático de um meio audiovisual, percebe-se ainda um grande despreparo dos professores diante destes meios eletrônicos. Falta ainda ao professor mais tempo, mais estímulo e informação na elaboração de atividades didáticas em que a TV seja um instrumento presente.

...a TV e o vídeo, no ensino fundamental e médio, são tratados, geralmente, como meros recursos didáticos que podem, eventualmente, atenuar o desinteresse dos alunos. Presos a suas rotinas (temáticas e metodológicas) e despreparados para o uso desses meios, os

---

2 5 DEMO, P. 1998: p. 23

2 6 DEMO, P. 1998: p. 15

professores, em sua maioria, não conseguem articular organicamente os audiovisuais contemporâneos ao processo pedagógico. A presença de equipamentos em grande parte das redes públicas não significa que eles estejam sendo usados com proveito. Em inúmeras escolas, mesmo, eles permanecem sem uso algum.<sup>27</sup>

Além de todas estas considerações, há que se lembrar do formato dos programas educativos, produzidos especialmente para o uso em sala de aula. Enquanto alguns professores insistem em manter uma visão crítica deste aparato de comunicação na Escola e outros insistem em utilizá-lo de forma impensada, profissionais da área de comunicação e pedagogos ainda procuram a fórmula da produção teleducativa que ensine e eduque eficientemente. Por enquanto, porém, é comum que as aulas transmitidas pela televisão sejam aulas tão expositivas quanto aquelas das Escolas. É comum que os produtores da área de comunicação preocupem-se mais com o formato, som, texto e estética que com o conteúdo a ser transmitido.

Importa que o vídeo tenha luz boa, som marcante e suave, seja curto, cause impacto. Torna-se difícil convencê-los que um vídeo educativo terá de ser mais longo, cuidadoso com o conteúdo, crítico e, por isso mesmo, geralmente mais chato. Um vídeo que se quer educativo ou formativo, precisa, inapelavelmente, colaborar no sentido de fazer o aluno aprender. O resto é circunstância.<sup>28</sup>

---

2 7 FISCHER, R. M. B., 2001: p. 112

2 8 DEMO, P. 1998: p. 23

Apesar dos diferentes posicionamentos em relação às conseqüências do uso da Televisão nas atividades didáticas, é inegável sua presença na sociedade, no cotidiano das pessoas e nas Escolas. Através de um trabalho cuidadoso, os professores podem contribuir muito para a formação crítica e disciplinar dos estudantes, através da colaboração dos materiais audiovisuais.

Instruir o homem, é dar-lhe as bases de que necessita para se realizar na vida, bases essas que ele não pode adquirir sozinho. A instrução exige mestres e instrumentos utilizados de forma conjugada. A esses instrumentos que, durante muito tempo, foram os livros e os espetáculos de grandes manifestações ou criações colectivas, junta-se hoje a imensa contribuição do audiovisual.<sup>29</sup>

## *2.2 - Receptores diversos para uma única forma de Educação*

Diariamente somos alvo das mensagens midiáticas, sejamos ricos, pobres, jovens, adultos ou crianças. Isto quer dizer que fazemos parte de uma sociedade cuja cultura e experiências sofrem interferência direta de diferentes mídias, como a mídia televisiva.

A midiabilidade implica a existência de um campo social dominado pela mídia, sobretudo a mídia eletrônica, catalisando um conjunto de experiências e identidades sociais.<sup>30</sup>

---

2 9 LAZAR, J. s/d. : p. 13

3 0 NAPOLITANO, M. 2003: p. 12

Como instituição constituinte da estrutura social, a Escola também recebe constantemente a influência dos mass media, através dos professores, alunos e funcionários que assistem televisão e se informam diariamente através de telejornais. Há uma inegável interação entre conhecimento adquirido em sala de aula e conhecimento adquirido na vida social, ou até mesmo através da TV. Afinal de contas, além da Escola não ser a única fonte de informações disponível para a população, no Brasil, a Televisão é talvez um veículo de informações mais democrático que a Escola.

Conhecimentos adquiridos na vida social, através das experiências pessoais, da mídia ou de quaisquer outras fontes, são variáveis até mesmo entre indivíduos de um mesmo grupo midiático. São eles os principais responsáveis pela diferente recepção de uma mesma mensagem.

Para além desse nível, temos então as aprendizagens sociais não sistematizadas, e de base diretamente vivencial- na família, na cultura e na vida prática. Estas aprendizagens vivenciais já não fazem parte diretamente do sistema educacional. Entretanto, mantêm com este fortes relações de fluxo- na medida em que qualquer conhecimento, descoberta, comportamento, perspectiva ou interação que permeia a sociedade pode vir a integrar um espaço propriamente educacional- pode passar a ser percebido como "coisa a ser ensinada". Na medida, também, em que as aprendizagens da vida se beneficiam das aprendizagens geradas na escola, enquanto formação prévia que aguça o olhar e a percepção.<sup>31</sup>

---

3 1 BRAGA, J.L., CALAZANS, R. 2001: p. 42

O que muitos professores devem perceber é que, para os jovens, a midiabilidade se constitui em um fenômeno que chega a determinar a identidade de diferentes grupos ou tribos.

Todos nós, alunos ou professores, estamos sujeitos à ação da mídia. O problema é que nos grupos mais jovens, inclusive naquelas subculturas juvenis que se julgam extremamente rebeldes, a ação da mídia é determinante para a constituição da identidade de grupo.<sup>32</sup>

Ao utilizar a Televisão na sala de aula, o professor deve manter este importante aspecto em mente. Lembrar-se que todos nós fazemos parte de uma sociedade midiaticizada e que formamos diferentes grupos midiáticos.

O fenômeno da midiabilidade implica a dificuldade em estabelecer fronteiras definidas entre a experiência enraizada nas relações sociais mais tradicionais (vividas no bairro, no trabalho, na escola ou na família) e aquela vivida "através" da mídia, incorporando valores e comportamentos dos seus tipos e personagens.<sup>33</sup>

Atualmente a diferença chega a se manifestar de forma supervalorizada. Tribos, culturas, diferentes preferências se misturam e formam uma sociedade cuja influência da televisão chega a ser mais um aspecto da cultura contemporânea.

Coloca-se assim o problema da diversidade cultural valorada. Na sociedade contemporânea não há mais padrões pretendidamente universais (nem mesmo nacionais) de conduta, ação, crenças, conhecimentos de base. Encontramos

---

3 2 NAPOLITANO, M. 2003: p. 12

3 3 NAPOLITANO, M. 2003: p. 12

uma forte valorização do diverso. A diversidade de aprenderes, que se acantonava no "profissional", hoje é valorada também para o gosto, as preferências estéticas, os modos de relações humanas, grupais, sexuais, os estilos de vida, a inserção nas diversas "tribos" em que a sociedade "se dispersa" e em que as pessoas vão buscar acolhimento, identidade, transação afetiva, apoio, energia, drama, ação, conflito e "diferença". Assim, entre a necessidade de trabalho constante na elaboração dos valores vigentes gerais da sociedade e a admissão da diversidade é preciso planejar- isto é, organizar, tanto a busca de valores, como a oferta e a seleção de diversidades, assim como suas interações. Por outro lado, é preciso também deixar espaço às espontaneidades sociais para que essa continuada negociação de valores e a energia geradora de diversidades não sejam cristalizadas segundo o recorte específico de uma circunstância ou segundo interesses de apenas alguns setores dominantes.<sup>34</sup>

Isto acaba por gerar um desafio à Escola, que lida com a dificuldade diária de proporcionar a socialização de seus alunos, participantes de diferentes microculturas, com múltiplas escolhas a fazer e com experiências de vida diferentes. E estes mesmos alunos, por sua vez, fazem parte de uma mesma identidade nacional.

Estas diferenças no campo social que dão margem à luta de classes, à visibilidade de grupos antes excluídos como os homossexuais, os negros e idosos, passam a ganhar mais espaço na mídia, chegando à Televisão. Se, por um lado, o professor se depara com as diferenças entre os receptores existentes na sala de aula, por outro, ele é convidado a utilizar materiais

---

3 4 BRAGA, J. L., CALAZANS, R. 2001: p. 54

audiovisuais que diferenciam grupos sociais uns dos outros de forma rotulada: os adolescentes drogados, as jovens grávidas, os idosos abandonados.

Para Rosa Maria Bueno Fisher, o trabalho da Escola deve proporcionar este olhar atento sobre os diferentes grupos sociais que a mídia rotula.

Haveria a meu ver, um trabalho riquíssimo a ser feito no espaço escolar, no sentido de mergulhar nessas imagens e procurar desnaturalizar aquilo que já se tornou corriqueiro, senso comum (professor "é assim", criança "gosta disso", adolescentes "precisam daquilo" ou "agem sempre assim"), em relação às nossas habituais classificações e marcações do social.<sup>35</sup>

Antes, as teorias da comunicação consideravam o receptor um indivíduo passivo, personagem de uma relação com o emissor *na qual tudo transcorria entre emissores-dominantes e receptores-dominados sem o menor indício de resistência, e na qual, pela estrutura da mensagem, não atravessavam os conflitos nem as contradições e muito menos as lutas.*<sup>36</sup>

Mesmo no simples ato de assistir à Televisão, o espectador varia qualitativamente sua relação interativa com o fluxo informativo, na medida em que seu aparelho psíquico se transforma, passando de um estado psicológico a outro. A qualidade e a intensidade de seu comportamento psíquico determinam a qualidade e a característica da interação entre o espectador e o fluxo do discurso televisivo.<sup>37</sup>

---

3 5 FISCHER, R. M. B. 2001: p. 42

3 6 BARBERO, J. M. 2003: p. 27

3 7 ECO, H. 1970. *apud*: MATUCK, A. 2000: p. 103

Desta forma, considera-se que a TV não é capaz de destruir as experiências e a cultura que o telespectador já possui.

Por mais que o emissor deseje ver a sua mensagem plenamente incorporada, de maneira unívoca, as variantes culturais, ideológicas, socioeconômicas, entre outras, acabam interferindo na realização da mensagem. Sendo assim, o conjunto dos segmentos que compõem o universo dos telespectadores pode decodificar um mesmo telejornal de várias maneiras diferentes, ainda que mantendo o sentido mais lógico da notícia veiculada.<sup>38</sup>

Sabe-se que o receptor não é mais tão passivo e que recebe informações da televisão ou do professor na sala de aula. A teoria mecânica de emissor-receptor, da manipulação ideológica inevitável, caiu por terra. Hoje, percebem-se as diferenças de decodificação de uma mesma mensagem por receptores de um mesmo meio social, como a sala de aula.

Hoje não se negam os efeitos da TV, mas já se sabe que a intenção do emissor em sua mensagem pode não realizar-se. Receptor é sujeito ativo e pertence a um contexto sociocultural específico. Interpreta a mensagem, dá-lhe significado de acordo com sua visão de mundo, experiências, valores, com a cultura de seu grupo. Cotidianamente, entrecruzam-se influências de família, vizinhança, amigos, trabalho, escola, das mídias (principalmente a TV) e ocorrem a recepção e a decodificação das mensagens.<sup>39</sup>

Ao planejar o método de ensino, o professor deve ter sempre em mente a diferença cultural de seus alunos.

---

38 NAPOLITANO, M. 2003: p. 80

3 9 FIORENTINI, L. M. R., CARNEIRO, V. L. Q. 2001: p. 17

Principalmente quando o material didático não se trate de um livro escolar, mas sim de um programa televisivo. É preciso levar em conta as diferentes formas de recepção de uma mesma mensagem por parte dos diferentes grupos midiáticos existentes na sala de aula.

Trata-se portanto de uma aprendizagem que tem muito de disposição geral (na medida do acesso, por muitos, a um mesmo material simbólico) e muito de experiência singular, vivida (na especificidade de interações e das interpretações ativadas pelos usuários).<sup>40</sup>

As leituras de um mesmo texto, imagem ou som são inúmeras. E, assim como para a interpretação de uma informação há diversas possibilidades de leituras, há diferentes formas de produzir uma matéria sobre o mesmo tema. A disposição de uma matéria, as imagens mostradas, a angulação dada ao tema. Tudo isso demonstra diferentes maneiras de falar e pensar sobre um mesmo assunto.

... a imagem que alguém constrói, no caso, sobre um determinado país, não é retirada do vazio, ela é sempre elaborada no cruzamento de múltiplas relações, de experiências individuais e sociais, de ordem psicológica e principalmente de ordem política e cultural. (...) Há sempre um cruzamento, uma intimidade, uma inseparabilidade entre as imagens "internas" que construímos sobre as coisas e as imagens propriamente "externas"- aqueles objetos visuais, perceptíveis, "materiais".<sup>41</sup>

---

4 0 BRAGA, J. L., CALAZANS, R. 2001: p. 63

4 1 FISCHER, R. M. B. 2001: p. 64

Diferentes posturas diante de uma mesma informação são provenientes da influência direta do ambiente escolar e familiar, daquilo que se ouviu falar no cinema, na Televisão e em casa. Como então, saber lidar com as diferentes formas de receptividade que existe entre os alunos, um grupo relativamente reduzido? Esta é uma das preocupações que o professor deve sempre ter em mente ao aplicar o uso da Televisão na sala de aula. Para que o aluno possa se tornar um telespectador crítico frente à TV, o educador deverá pensar em toda cultura de seus estudantes (inclusive a cultura televisiva) e encontrar formas de gerar críticas relativas a este meio, mostrando a influência na vida das pessoas, tornando-o uma forma de conhecimento. Não basta o professor insistir em criticar a TV, questionar seu conteúdo e considerá-la uma inimiga da Escola. Assim como os estudantes, ele faz parte de um grupo midiático, deixa-se seduzir pela mensagem televisiva e deve ser criterioso o suficiente para saber criticar, mas ao mesmo tempo utilizar as vantagens deste meio.

A tarefa primordial da escola, tendo em vista o trabalho com o material da TV, será a de pensar o grau de midiabilidade das suas diversas clientelas e dos indivíduos e grupos sociais envolvidos no trabalho escolar, bem como as diversas formas de recepção dos conteúdos veiculados pela mídia. É preciso pensar a influência da mídia nas nossas vidas, reconhecendo não só suas características escapistas, alienantes ou conformistas, como

aprendendo suas diversas facetas e os resultados de sua influência sobre a sociedade.<sup>42</sup>

É de fundamental importância que o professor, pensando nas diferenças culturais e mediáticas entre ele e seus alunos e até mesmo entre os próprios estudantes, saiba selecionar um material televisivo para trabalhar em sala que seja considerado estimulante e interessante para aqueles que vão utilizá-lo como fonte de aprendizagem, de forma que não sejam programas completamente estranhos ao que eles estão acostumados a assistir. Ele deve questionar sempre se o material a ser empregado é adequado para a faixa etária escolar em questão e para as características socioculturais da classe.

As características subjetivas e idiossincráticas de um grupo muitas vezes constituem a incógnita do trabalho, uma variável que o professor não controla. (...) O importante é tentar reduzir ao máximo o efeito destas variáveis obscuras, articulando o eixo de discussão (se o tema ou a linguagem), o nível de *aprofundamento* desejado (que deve se adequar à faixa etária, ao nível escolar e às possibilidades culturais do grupo) e um *material-fonte* instigante.<sup>43</sup>

Se o professor não souber lidar com estas diferenças, poderá enfrentar grandes dificuldades na implementação destas novas atividades pedagógicas e alguns obstáculos na transmissão de conhecimentos. Porque, se de um lado, há

---

4 2 NAPOLITANO, M. 2003: p. 12

4 3 NAPOLITANO, M. 2003: p. 57

aqueles alunos que estabelecem uma exagerada crença naquilo que vêem e ouvem na TV, há aqueles que insistem em criar uma situação de polêmica e de descrença naquilo que é divulgado por outra mídia que não a mídia específica de sua cultura específica, de sua tribo.

É muito comum uma parte dos adolescentes, ligados a alguma subcultura jovem (as famosas "tribos") repetir argumentos disseminados pela força da sua mídia específica. (...) O oposto também pode ocorrer: o jovem pode concordar, *a priori*, com a opinião veiculada pelo material-fonte, dependendo do nível de crença depositada e de credibilidade do programa assistido.<sup>44</sup>

Além do mais, a maior presença da Televisão na vida do estudante em relação ao livro didático, a discussão de temas que fazem parte do cotidiano do cidadão comum, pode gerar discussões e debates de diferentes opiniões, em que não há tanta troca de conhecimentos, e sim exposição de visões superficiais.

Ou seja, nosso trabalho talvez não consiga ainda evitar uma série de atritos na comunicação, por não conseguirmos articular uma série de diferenças, vividas no âmbito cultural e social, mas igualmente no âmbito interno, individual, sobretudo nas formas de sentir prazer a partir daquilo que vemos, ouvimos, daquilo que nos é mostrado e comunicado.<sup>45</sup>

José Luiz Braga e Regina Calazans destacam a defesa de um método de ensino que reduz parte do controle escolar no aprendizado. Eles consideram que, a partir do momento em que

---

4 4 NAPOLITANO, M. 2003: p.65

4 5 FISCHER, R. M. B. 2001: p. 32

o aluno tem mais liberdade de assumir seu próprio processo de aprendizagem, que a Escola respeita as diferenças entre os alunos e os permite guiar o ensino de acordo com suas preferências, o aluno tem mais liberdade de aprender e acesso a um sistema de ensino mais eficiente. Porém, não descartam o sistema de planejamento de aulas, considerando-o um processo sensato e produtivo.

A liberdade não se encontra nos espaços de uma pretendida ausência de regras - mas no trabalho constante de fazê-las socialmente pertinentes e na competência culturalmente desenvolvida de dominar as estratégias para fazê-las funcionar a serviço da autonomia.<sup>46</sup>

Apesar de inadequada a total liberdade e autonomia do aluno no processo de aprendizagem, hoje já se percebe a importância do trabalho do professor nas diferenças de cada aluno. Tanto pelas diferenças da história de vida de cada um, quanto pelas preferências que também se diferenciam. A partir daí, o professor deve planejar um eficiente trabalho pedagógico, que capacite o estudante a trabalhar com mais afinco a área que lhe interessa e com a qual haverá mais chances de formar profissionalmente.

Ao utilizar um material audiovisual em sala de aula, porém, alunos e professores permanecem "presos" ao direcionamento do próprio vídeo, suas estruturas e simbolismos. Isso principalmente quando se trata de um

---

4 6 BRAGA, J. L., CALAZANS, R. 2001: p. 89

programa educativo para veiculação em TV aberta. Já os vídeos educativos produzidos exclusivamente para o uso em sala de aula, possuem um tratamento diferenciado, que prevê a utilização do professor e seu próprio direcionamento do conteúdo de acordo com a necessidade de seus alunos. É claro que o professor deve encontrar-se suficientemente capacitado para fazer um eficiente uso deste vídeo educativo, senão poderá haver uma utilização superficial e inadequada para seus estudantes.

Não seria preciso enfatizar que ainda conhecemos pouco os procedimentos requeridos para que um material mediatizado inclua bons direcionamentos, ao mesmo tempo flexíveis (para ajustar-se à diversidade de seus usuários e das leituras destes); e adequadamente "instruídos" (no sentido de oferecer encaminhamentos, pistas e indicações de procedimentos para seu próprio uso).<sup>47</sup>

Se, por um lado, há quem defenda o ensino à distância, que o considere uma forma de evitar a presença dos alunos em aulas meramente expositivas, por outro lado, há que se considerar que a presença do professor na sala de aula proporciona um direcionamento para a classe de acordo com a necessidade do momento e dos alunos em jogo.

Na co-presença entre professores e estudantes a interação se constrói "ao vivo", com possibilidades de redirecionamento e reconsiderações em função de questões e indicadores singulares supervenientes. Uma boa parte do processo pode ser deixada ao

---

4 7 BRAGA, J. L., CALAZANS, R. 2001: p. 86

"improvisado" (escolado, espera-se) do professor. Além disso, de uma edição de um curso para outra, pode haver sempre uma aprendizagem do professor sobre os melhores modos de encaminhá-lo.<sup>48</sup>

Antes de planejar a aula e de passar o programa televisivo aos estudantes, o professor deverá assisti-lo e verificar se há a possibilidade do material ser mal aproveitado pela turma, se os alunos não considerarão esta atividade meramente uma forma de relaxar, como o ato de assistir TV em casa.

A forma pela qual o material deve ser assistido pode variar conforme o grupo e a relação do professor com a classe. Em grupos mais maduros e dinâmicos o professor pode articular quase diretamente a primeira audiência do material com uma proposta de debate. Em grupos mais difíceis, porém motivados, a audiência deverá ser repetida e metódica, com amplo subsídio de roteiros de análise e propostas de debate mais dirigidas. Em grupos desmotivados ou de fraco conteúdo o professor deverá conciliar o trabalho da motivação, o que implica uma abordagem mais "espontânea" do material, com atividades de reforço e trabalho disciplinado e metódico, aplicado na hora certa.<sup>49</sup>

---

4 8 BRAGA, J. L., CALAZANS, R. 2001: p. 89

4 9 NAPOLITANO, M. 2003: p.

### 3. GÊNERO TELEVISIVO: POSSIBILIDADES DE USO

Num período em que a Escola enfrenta uma notória perda de espaço na transmissão de saberes legítimos, algumas disciplinas escolares se rendem aos encantos da TV e, até mesmo as disciplinas mais práticas, como a Educação Física, passaram a utilizar este recurso em atividades pedagógicas.

Paralelo ao fácil acesso aos meios audiovisuais pela população, nota-se uma propagação de canais abertos e pagos disponibilizando boas produções que podem ser de rico proveito na sala de aula. Professores de diversas áreas de conhecimento já perceberam que as possibilidades de uso da Televisão em atividades didáticas não se esgotam facilmente, pois as finalidades de sua utilização também variam bastante. Neste capítulo, discutiremos a utilização da TV como material de apoio na sala de aula, assim como são utilizados os programas da TV Escola, os demais programas educativos e os materiais audiovisuais que não são produzidos com fins educativos, mas podem ser utilizados como recurso didático, como os filmes, as matérias jornalísticas, etc. Falaremos também do uso da TV na sala de aula para a formação de cidadãos mais críticos frente a este veículo ao qual dedicam tanto tempo assistindo.

...o trabalho com meios, tecnologias e produtos mediatizados sob a ótica da educação, desenvolve-se através de múltiplas ações, abordagens e reflexões. Trabalhando modos acurados de ver o mundo em sua diversidade social e jeitos de vivenciá-lo poeticamente, pela inclusão do imaginário e do simbólico, essa interface se propõe com diversidade, exigindo sempre muita sutileza na abordagem de interações.<sup>50</sup>

O fato da utilização da TV na sala de aula ser cada vez mais comum não quer dizer que ela tenha o papel de substituir a palavra escrita, o livro didático. Seus recursos sugerem várias propostas de atividades, de acordo com o conteúdo veiculado.

...não se trata de propor a substituição da palavra escrita por imagens, visando atualizar a escola numa época de crise de suas formas tradicionais. Nem tampouco de utilizar a TV como estímulo e reforço didático-pedagógico para as atividades e conteúdos desenvolvidos em sala de aula.<sup>51</sup>

É importante porém, ressaltar que em muitas oportunidades o uso da Televisão se mostra bastante eficiente na transmissão de conceitos e informações que antes ficavam restritas aos livros didáticos. Os estudantes, inevitavelmente, têm mais acesso ao uso da TV e estão bastante acostumados à sua linguagem.

---

5 0 BRAGA, J. L., CALAZANS, R. 2001: p. 58

5 1 NAPOLITANO, M. 2003: p. 13

A linguagem da TV/vídeo é sintética, isto é, pode apresentar, em pouco tempo, por meio de uma combinação de imagens, sons, fala e, com o mínimo de texto escrito, situações muito complexas. Essas mesmas situações, para serem comunicadas verbalmente, demandariam a produção de textos mais ou menos extensos, de leitura demorada e, em geral, pouco atraente, com informação abstrata.<sup>52</sup>

Num país como o Brasil, em que a taxa de analfabetismo atinge níveis altíssimos e que o hábito de leitura é privilégio de poucos, a Televisão, tão acessível, presente no cotidiano dos estudantes e renegada por muitos, pode possibilitar a resolução de alguns problemas no Ensino.

Ela mesma, a TV, constituindo parcela significativa da realidade vivida pelo educando no seu meio; ela mesma sendo utilizada como recurso cultural, na tentativa de se vencer a limitação representada pela falta de acesso a outros recursos, além de superar deficiências educacionais, aqui e em diversas partes do mundo, uma vez que esses e outros problemas não ocorrem apenas no Brasil, embora nos países ainda não desenvolvidos assumam dimensões alarmantes.<sup>53</sup>

Através do uso da Televisão na Escola, é possível ampliar a discussão sobre temas variados, aumentar o interesse dos alunos e criar uma dinâmica em sala de aula, se utilizados apropriadamente. Se, por um lado alguns professores justificam o não uso de programas educativos nas Escolas por julgá-los cansativos, lentos e pouco eficientes,

---

5 2 FIORENTINI, L. M. R., CARNEIRO, V. L. Q. 2001: p. 66

5 3 PENTEADO, H. D. 1991: p. 8

podem-se utilizar programas veiculados pela Televisão aberta que podem se transformar em ricos instrumentos de ensino.

Há, porém, muitos e bons vídeos temáticos não-didáticos que fazem aprender. São documentários, telejornais, reportagens, entrevistas, filmes de ficção e até desenhos animados que, realizados sem finalidades instrucionais específicas, tratam de temas que deveriam integrar a bagagem cultural básica de todos os cidadãos, e por isso mesmo estão presentes, direta ou indiretamente, em diferentes programações de ensino. São temas históricos (antigos ou recentes), científicos (de todos os campos: natureza, vida, biologia, física, sociologia, economia, medicina, psicologia), sócio-culturais e políticos, artísticos. Tais vídeos podem desempenhar funções pedagógicas relevantes, embora não raro negligenciadas no processo de ensino aprendizagem, tais como motivar, contextualizar, aprofundar, diversificar pontos de vista, questionar e discutir, auxiliar a compreensão de processos e conceitos. E cumprem essas tarefas, boa parte das vezes, mostrando e não apenas verbalizando. Daí, a meu ver, sua maior valia. Permanece, porém, uma condição básica: os professores precisam aprender a usá-los.<sup>54</sup>

O acesso a este recurso está cada dia mais disponível. Além dos canais abertos como a Rede Globo, o SBT, a Bandeirantes e a Record, existem também emissoras preocupadas com a veiculação de uma programação com potencial educativo. A TV paga também põe no ar canais cuja programação consta de documentários bastante informativos, de caráter educativo e de valia no ensino de determinados temas. Os professores interessados na utilização do audiovisual, encontram aí um farto leque de opções na escolha de vídeos.

---

5 4 FISCHER, R. M. B., 2001: p. 133

...no universo dos canais abertos, programas de qualidade cultural e, portanto, de potencial educativo são encontrados nas emissoras públicas ou estatais, como a TV Cultura de São Paulo, a TVE do Rio de Janeiro e demais TVs educativas regionais, como as de Minas, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Maranhão. A expansão dos serviços de TV a cabo também vem permitindo, nas cidades maiores, o aumento do acesso das escolas a canais que veiculam bons programas. É o caso do Discovery, do GNT, do National Geographic, do Eurochannel, do Globo News. Caso especial, o Futura apresenta-se como "o canal do conhecimento" e dedica-se à escola e ao professor boa parte de sua grade de programação. Funcionando em tempo integral, ele é mantido pelo patrocínio de grandes empresas e pilotado pela Fundação Roberto Marinho. Cabe destaque, ainda, ao STV - Rede SESC/ SENAC de Televisão, canal educativo que vem melhorando continuamente a qualidade e variedade de seus programas. E vale lembrar, ainda, que o Ministério da Cultura lançou em maio de 2001, também via cabo, o TV Cultura e Arte.<sup>55</sup>

Fica claro, então, que o acesso a programas de qualidade está se tornando cada vez mais fácil. Os professores não precisam necessariamente se limitar ao uso do TV Escola ou de outros programas educativos. Parte, daí, o interesse em utilizar estes recursos e de saber fazer um bom uso.

É conveniente insistir na necessidade de que a integração das imagens da televisão à sala de aula seja feita com um critério bem

---

5 5 FISCHER, R. M. B. 2001: p. 112

abrangente. Não deveriam ser incorporados somente programas didáticos ou culturais. Às vezes são os menos motivadores. Não é imprescindível que os programas sejam didáticos. Qualquer imagem pode sê-lo quando bem integrada a uma unidade didática, com a vantagem extra de que pode ser mais motivadora e propiciar um ensino mais significativo.<sup>56</sup>

Muitos programas, documentários e matérias jornalísticas produzidas mesmo sem o objetivo de ensinar, podem ter um cunho educativo ou servir como ilustração de uma determinada época, servindo até mesmo como fixadores do conteúdo escolar.

No caso das telesséries mais antigas (os seriados clássicos dos anos 50 e 60 sobretudo), pode-se realizar um amplo estudo sobre o *american way of life* e a ideologia da Guerra Fria, assim como o impacto dos movimentos culturais dos anos 60 na sociedade norte-americana, que acabaram influenciando boa parte das sociedades ocidentais.<sup>57</sup>

Tratam-se de minisséries, por exemplo, que contam uma história de amor, mas como pano de fundo narram a história do país. Telejornais aproximam os estudantes da realidade do Brasil e abrem a discussão para temas que fazem parte da realidade dos alunos através de matérias e documentários especiais que resgatam o passado ou simplesmente fazem uma análise de algum setor da atual sociedade.

Antigas ou contemporâneas, realizadas sem nenhuma intenção de educar e sem tratar de temas curriculares, essas obras enriqueceriam qualquer currículo que se importasse com a formação mais ampla de seus docentes e discentes. Há desenhos e filmes de arte e de

---

5 6 FERRÉS, J. 1996: p. 98

5 7 NAPOLITANO, M. 2003: p. 93

humor, ótimos para desenvolver a sensibilidade, o imaginário, a criatividade. Narrativas ficcionais de todo tipo permitem observar, discutir e compreender comportamentos e atitudes, situações de conflito, questões de moralidade e ética. Eles transportam para contextos de épocas passadas, familiarizam com ambientes e culturas de todas as latitudes e longitudes.<sup>58</sup>

Este crescente acesso a materiais aproveitáveis no planejamento didático do professor, se justifica tanto pela preocupação de algumas emissoras em oferecer uma programação de qualidade, quanto pelo interesse dos meios de comunicação em divulgar tudo aquilo que se refere não apenas ao interesse geral da sociedade, mas também às áreas de conhecimentos específicos. Percebe-se um crescente mercado voltado para os mais diferentes gostos: revistas de informática, de descobertas científicas, de cinema, etc.

A TV - poderíamos dizer - opera como uma espécie de processador daquilo que ocorre no tecido social, de tal forma que "tudo" deve passar por ela, "tudo" deve ser narrado, mostrado, significado por ela.<sup>59</sup>

O que antes ficava restrito à comunidade acadêmica, muitas vezes é divulgado para a TV, assim como para os outros meios de comunicação. Interesse de mercado ou não, esta divulgação de descobertas e de conhecimentos parte da premissa que todos têm direito à informação.

---

5 8 FISCHER, R. M. B. 2001: p. 133

5 9 FISCHER, R. M. B. 2001: p. 16

As sociedades pós-modernas apóiam-se na apropriação dos resultados do desenvolvimento do processo de informação/comunicação para atingir uma expansão/dinamização do conhecimento, através da democratização do acesso aos meios de comunicação e sua profunda importância no sistema educacional, possibilitando a visibilidade e a legitimação de novos atores sociais.<sup>60</sup>

Cabe à Escola então, utilizar este acesso à informação, proporcionado pela mídia, para a transmissão de conhecimentos e discussão em sala de aula, assim como a Comunicação se serve da Educação e do Ensino como pauta de discussão tantas vezes.

Da física quântica ao trabalho manual - passando pelos processos de comunicação humana - nada é descartável como objeto possível de uma reflexão e sistematização de natureza educativa. Correlatamente, nenhum tema é estranho às interações sociais - mediatizadas ou não - que compõem, como comunicação social, o processo simbólico/prático das atividades do ser humano em sociedade.<sup>61</sup>

Além de realizar uma nova prática pedagógica com os alunos a partir do uso da Televisão, o professor dá uma oportunidade aos estudantes de pesquisar, selecionar e interagir com novas fontes de informação, que não devem se limitar aos livros didáticos. É claro que, para que a atividade obtenha sucesso, o material deverá ser coerente com o objetivo do curso e da atividade programada e também com o

---

6 0 SCHAUN, A. 2002: p. 16

6 1 BRAGA, J. L., CALAZANS, R. 2001: p. 10

currículo, além de tornar os alunos aptos a buscar desdobramentos para aquela pesquisa realizada.

Trata-se não somente de aplicar aos trabalhos disciplinares os recursos possíveis através da mídia eletrônica. Mas sim de transformá-la em objeto didático, ampliando as possibilidades de estudos, aproximando os estudantes de realidades antes muito distantes e de conceitos antes desconhecidos.

Como que correndo contra o tempo, torna-se cada vez mais comum para os educadores o acesso, e conseqüente utilização, aos recursos comunicacionais, priorizando cada vez mais a utilização de vídeos, programas de TV, de rádio, leitura orientada de jornais, análise e utilização da poética musical como forma de expressão, o teatro, a análise da literatura sob mais de um suporte técnico, o desenho, o grafite, o cinema, a fotografia.<sup>62</sup>

O que se conclui é que os programas televisivos utilizados em sala de aula, dos mais variados gêneros, podem ter as mais diferentes finalidades e o professor não precisa se prender somente ao uso de programas educativos. Para Marcos Napolitano, as telesséries, por exemplo, podem ilustrar acontecimentos de uma época histórica estudada pela classe; as publicidades podem gerar reflexões a respeito da sociedade atual; os documentários e as reportagens podem servir como material de apoio em sala de aula; o videoclip pode ter bastante utilidade também a partir do momento em que traduz o universo audiovisual do jovem; os programas de

---

6 2 SCHAUN, A. 2002: p. 86

variedades e de entrevistas podem abrir discussões sobre a tensão entre público e privado; os reality-shows podem gerar reflexões sobre os valores e os preconceitos sociais e os programas de auditório podem gerar análises sobre o preconceito social e a exposição de pessoas humildes na TV. Já as telenovelas abrem a oportunidade de trabalhar com as referências sócio-culturais, personagens, diálogos, etc.

É bem possível que os professores de humanidades (incluindo o ensino de línguas) se sintam mais à vontade para trabalhar com a TV. Disciplinas como história, geografia e português encontram na programação de TV um material mais próximo dos seus conteúdos tradicionais. Novos temas escolares como ética, educação sexual, ecologia, entre outros, também encontrarão nos programas veiculados pela TV um vasto material. As atividades devem ser ampliadas, podendo ser adaptadas e direcionadas conforme a disciplina e o conteúdo específico em questão.<sup>63</sup>

Joan Ferrés também sugere algumas formas de uso da TV na Escola. Segundo o autor, não é necessária a busca de reportagens de história para as aulas de Ciências Sociais, por exemplo. Algumas séries ou filmes podem ser usados como recurso motivador; notícias atuais podem gerar referências a alguns assuntos históricos e diferentes gêneros televisivos podem motivar a busca de informação sobre raças, culturas, climas, fauna, etc. Para a área de Expressão Verbal, Joan Ferrés indica o uso de programas televisivos para

---

6 3 NAPOLITANO, M. 2003: p. 13

exemplificar neologismos, variações dialéticas, erros, deficiências de expressão, etc.

Selecionar notícias televisivas, apresentá-las e comentá-las em sala de aula pode ser um bom exercício de interlocução entre alunos e professores, possibilitando o uso de um dialeto culto em sala de aula, de forma natural, segundo Jânia M. Ramos. Além da televisão ser um ponto de interesse comum entre alunos e professores, que faz parte do dia-a-dia de ambos, esta atividade ajudaria a promover o contato de falantes da modalidade culta com alunos que não sabem utilizá-la.

Para Sylvia Magaldi, as propagandas, inclusive políticas, podem propiciar *exercícios de observação e reflexão sobre liberdade e dependência, sobre respeito e manipulação, sobre fatos e versões, sobre aparência e realidade, sobre verdade e mentira.*<sup>64</sup> Porém, ressalta que só depende do professor tornar ou não um vídeo educativo, de acordo com sua sensibilidade e sua preparação.

A ficção narrativa de boa qualidade, no cinema como na TV, pode ensinar a respeitar as diferenças, de todo tipo. Ajuda os jovens a conviverem com a pluralidade de pontos de vista. Faz com que valores básicos ligados à vida e à morte, ao prazer e ao sofrimento do ser humano sejam melhor compreendidos.<sup>65</sup>

---

6 4 MAGALDI, S. *in*: FISCHER, R. M. B. 2001: p. 134

6 5 MAGALDI, S. *in*: FISCHER, R. M. B. 2001: p. 133

A utilização dos programas não-educativos nas Escolas pode ser de fundamental importância, principalmente naqueles grupos que apresentam resistência aos vídeos educativos. É muito comum que alunos de ensino fundamental, principalmente, tenham o hábito de ligar o televisor somente com o intuito de se divertir, de sentir prazer. Nestes casos, o professor deve deixar claro que o uso da Televisão na sala de aula não se trata de uma atividade de relaxamento, de lazer.

Tanto os programas de entretenimento como os educativos informam, estimulam percepções, desafiam padrões, influem em julgamentos. O receptor tem competência para aprender com programas de entretenimento produzidos sem objetivo de ensinar, de educar. O mesmo receptor pode rejeitar programas com linguagens, formas e conteúdos escolares que lhe lembrem uma aula expositiva. A capacidade de aprender independe da intenção de ensinar. Somos capazes de aprender com a própria vida.<sup>6</sup>

Concluindo para Ferrés, muitos programas não foram produzidos exclusivamente para uso na escola, mas podem exercer mais facínio e impacto para os alunos

Mas, além da sua disponibilidade e da sua indiscutível qualidade profissional, oferecem algumas vantagens em relação à sua incorporação ao ensino: a sua identificação com os interesses dos alunos, a sua capacidade de impacto e de sedução, o seu sentido de espetáculo, etc. Resumindo, além da qualidade e da disponibilidade desses materiais, existem dois motivos de peso para integrá-los ao processo de ensino-aprendizagem: a sua

---

6 6 FIORENTINI, L. M. R., CARNEIRO, V. L. Q. 2001: p. 35

capacidade de motivação e a sua capacidade de possibilitar uma aprendizagem significativa em sala de aula.<sup>67</sup>

Paralelo ao uso de gêneros televisivos mais variados, o professor tem também a possibilidade, talvez mais prática, de utilizar os programas educativos. Facilidade tanto para encontrar vídeos de qualidade, que atendam aos Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto pelo próprio planejamento da aula. Os vídeos educativos, especialmente os produzidos exclusivamente para o uso na Escola, já possuem um espaço reservado às suas observações. Muitos deles, inclusive, são acompanhados de um material de apoio pedagógico.

Algumas televisões oferecem programas educativos. Esses materiais podem ser facilmente integrados à sala de aula. Apesar de que nem sempre seguem todas as exigências da dinâmica escolar (por exemplo, no que se refere à duração), oferecem algumas vantagens: satisfazem as necessidades curriculares e geralmente são realizados com muito profissionalismo e riqueza de materiais.<sup>68</sup>

Os programas educativos se dividem basicamente em três formatos. Alguns de uso comum em sala de aula, outros pouco eficientes e de uso bastante limitado. Os professores têm hoje acesso a produções de todos os tipos: desde 1) aulas gravadas, palestras, entrevistas, 2) os programas lúdicos-ficcionais (como o Castelo Rá-Tim-Bum) e 3) as produções de

---

6 7 FERRÉS, J. 1996: p. 95

6 8 FERRÉS, J. 1996: p. 95

audiovisuais didáticas, de uso mais comum e mais adequado nas Escolas.

Algumas emissoras como a TV Justiça, colocam no ar, diariamente, aulas expositivas, palestras e entrevistas. Geralmente são programas que atendem a um público específico, que não se preocupam com a produção, linguagem e formato, limitando-se à gravação e veiculação muitas vezes nem editada. Normalmente são programas cansativos, em que o aluno pode se dispersar facilmente.

Por outro lado, os programas lúdico-ficcionais aproveitam a possibilidade oferecida pelo audiovisual de oferecer ao telespectador uma ficção narrativa, através de uma *linguagem que envolve fantasia e desejo mais que razão*<sup>69</sup>. Eles são geralmente destinados ao público infanto-juvenil e *voltam-se para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo desse público*<sup>70</sup>.

Em alguns casos, a própria linguagem da TV vem sendo usada para complementar ou mesmo substituir a escola na transmissão desses conteúdos, como é o caso dos telecursos ou dos programas pedagógicos infantis.<sup>71</sup>

Já o formato de vídeo educativo conhecido como "audiovisual didático", é conhecido pela característica de *tentar ensinar utilizando a dupla percepção do audiovisual: ouvir e ver.*<sup>72</sup>

---

6 9 FIORENTINI, L. M. R., CARNEIRO, V. L. Q. 2001: p. 40

7 0 FIORENTINI, L. M. R., CARNEIRO, V. L. Q. 2001: p. 40

7 1 NAPOLITANO, M. 2003: p. 71

7 2 FIORENTINI, L. M. R., CARNEIRO, V. L. Q. 2001: p. 38

Os vídeos educativos são muito úteis pelo fato de unirem, em seu conteúdo, os recursos científicos, pedagógicos e técnicos. Através de produções audiovisuais educativas, é possível abordar assuntos referentes a todas áreas de conhecimento, facilitando a compreensão dos temas, ilustrando imagens dinâmicas a idéias e conceitos, permitindo ainda que haja uma observação diferenciada sobre conceitos e experiências. Com o uso de vídeos educativos nas escolas, os professores podem motivar a investigação, discussão e reflexão dos alunos sobre um determinado assunto e mostrar diferentes idéias através de imagens e de som.

O "audiovisual didático" aproxima-se da linguagem audiovisual, mas o modelo ainda é linear, analítico. Traduz conteúdos em sons e imagens. Utiliza elementos de expressão audiovisual: imagem fixa ou movimentada, variadas fontes, ângulos diversos, enquadramentos, diversos efeitos eletrônicos, com a música portando informações, as palavras tendo conteúdos; timbre, elocução, silêncio, citações legíveis na tela, em função do ensinamento e do tipo de aprendizagem visada.<sup>7</sup>

3

Os vídeos educativos do TV Escola, principalmente, vêm acompanhado de sugestões de uso para os professores. A maioria dos programas oferece a oportunidade de um trabalho interdisciplinar, em que várias disciplinas possam trabalhar um mesmo tema de acordo com sua própria abordagem. Na revista TV Escola, a sugestão de trabalhar um vídeo chamado

---

7 3 FIORENTINI, L. M. R. F., CARNEIRO, V. L. Q. 2001:p. 39

"A linha final: Privatizando o Mundo". Trata-se de um documentário que fala da mundialização, liberalização comercial, conglomerados multinacionais. No material de apoio ao professor, a sugestão de realizar um trabalho interdisciplinar entre os professores de geografia, de história e de ética e de sites e textos a serem lidos como material de apoio.

A contextualização dos objetos e sua apresentação em configurações vivenciais muito próximas da experiência, próprios da linguagem audiovisual, facilitam a compreensão da interdisciplinaridade, tão difícil de imaginar em uma escola cujo padrão é o currículo fragmentado em disciplinas. A espontaneidade com que os estudantes interagem a partir de suas reações aos vídeos capazes de tocá-los é um exemplo da dinamização dos processos escolares que pode resultar do uso didático de audiovisuais. As qualidades de TV/vídeo convergem com as de outras linguagens para dar suporte ao exercício da transversalidade nos PCN.<sup>74</sup>

Importante ressaltar, porém, que a transversalidade não é um recurso exclusivo daqueles professores que utilizam os vídeos pedagógicos. A discussão de temas que podem ser explorados de forma ampla e aprofundada não deve se restringir a uma única disciplina. Normalmente tratam-se de assuntos relacionados à realidade dos estudantes, falando de saúde, meio ambiente, ética, orientação sexual, etc. O trabalho de transversalidade dos alunos e professores pode gerar inúmeras reflexões e soluções para os problemas sociais

---

7 4 FIORENTINI, L. M. R. F., CARNEIRO, V. L. Q. 2001: p. 68

vividos fora da escola. Para executar este tipo de atividade, basta um material televisivo que aborde um tema transversal para que toda uma escola possa realizar um trabalho em conjunto.

Esses temas envolvem um aprender sobre a realidade, na realidade e da realidade, destinando-se também a intervir na realidade para transformá-la. Outra de suas características é que abrem espaço para saberes extra-escolares. Na verdade, os temas transversais prestam-se de modo muito especial para levar à prática a concepção de formação integral da pessoa.<sup>75</sup>

Napolitano sugere a seleção dos temas a serem trabalhados pelos professores de acordo com dois critérios, que, segundo ele também, não são excludentes: 1) com base no currículo escolar, de acordo com os assuntos trabalhados e 2) com base nos temas transversais, segundo ele muito vastos.

A partir daí, percebemos a possibilidade e a importância do trabalho da Escola na formação de telespectadores mais críticos. De nada adianta a Escola seguir criticando a TV, culpando-a por diversos problemas sociais. Se os alunos dedicam tanto tempo à televisão, permanecendo horas diante da telinha, é preciso e também possível o uso da própria TV na sala de aula para a formação de espectadores mais maduros. Se a discussão de temas relativos à vida social dos estudantes é de fundamental importância, a discussão da presença da TV na vida das pessoas não é diferente.

---

7 5 FIORENTINI, L. M. R., CARNEIRO, V. L. Q. 2001: p. 68

Hoje a televisão tornou-se o instrumento privilegiado de penetração cultural, de socialização, de formação de consciências, de transmissão de ideologias e valores, de colonização. Por isso é surpreendente que a instituição lhe fosse usurpada, mas que ainda assista, impassível, ao processo de penetração da cultura audiovisual, sem oferecer sequer modelos de interpretação e de análise crítica para as novas gerações.<sup>76</sup>

José Luiz Braga e Regina Calazans enumeram diferentes pontos de encontro entre a Comunicação e a Educação. Segundo os autores, a interface entre as duas áreas se dá, de forma evidente, através do uso dos avanços tecnológicos para o benefício das diferentes formas de ensino: tanto a presencial, quanto à distância. Destaque para o segundo ponto de encontro entre as duas áreas, citado pelos autores: o uso da Televisão nas escolas para a formação de estudantes que saibam fazer uma leitura mais crítica sobre este meio.

Essa sociedade dispõe de um complexo aparato de entretenimento, informação e propagação "de interesse geral" - com crescente disponibilidade a seus públicos dispersos e diversificados. Ora, é para a sociedade em geral que a Educação forma - portanto, hoje, para a sociedade mediatizada. O sistema escolar é urgentemente solicitado a fornecer conhecimentos e competências requeridas para uma participação eficaz nessa sociedade - e para o enfrentamento das questões e dificuldades por ela colocados. Este ângulo de interface corresponde portanto ao *encontro entre o sistema escolar e a própria "sociedade de comunicação"* - e é relacionado à *necessidade educacional de formar e socializar os estudantes para esta.*<sup>77</sup>

---

7 6 FERRÉS, J. 1996: p. 10

7 7 BRAGA, J. LL, CALAZANS, R. 2001: p. 58

As duas formas de encontro das áreas de Comunicação e Educação, segundo os autores, se completam e são *possivelmente envolvidas em um mesmo programa de ação.*<sup>78</sup>

Penteado defende a elaboração de uma pedagogia preocupada com a experiência televisiva dos estudantes, que chega a marcar suas realidades de vida.

... que recorra à utilização da imagem e do processo dialógico, para a construção da consciência crítica do aluno; que conceba ensino como comunicação que conduz à aprendizagem, esta entendida como produto de um processo de busca, de pesquisa, e ambos, ensino e aprendizagem, como aspectos interdependentes de um mesmo processo, e complementares.<sup>79</sup>

Através do uso da Televisão na sala de aula com atividades pedagógicas voltadas para a formação de um aluno preparado para a reflexão, interpretação e crítica da mídia, é possível estabelecer certas discussões em sala de aula que antes eram pouco comuns e saber tirar proveito das mensagens veiculados pela TV.

É absurdo que entidades como a escola, a Igreja ou a família critiquem os efeitos perniciosos da televisão enquanto nada é feito para a formação de espectadores maduros, com espírito crítico e capacidade para uma utilização enriquecedora do meio. A televisão somente se torna nociva quando não se está preparado para assistir a ela.<sup>80</sup>

---

7 8 BRAGA, J. L., CALAZANS, R. 2001: p. 59

7 9 PENTEADO, H. D. 1991: p. 09

8 0 FERRÉS, J. 1996: p. 171

É somente através do preparo proporcionado pela Escola, da experiência adquirida através de atividades com o uso da Televisão, que se prepara o aluno para o recebimento destas mensagens.

A formação não eliminará somente os riscos de manipulação, mas intensificará também as oportunidades de aprendizagem. O que era causa da alienação se transformará em oportunidade para a formação. O que antes era um convite à hipnose se transformará em uma provocação para a reflexão crítica. A televisão deixará de ser um meio que adormece para se transformar em um meio que enriquece.<sup>81</sup>

Rosa Maria Bueno Fischer afirma que a possibilidade de utilizar a Televisão como um objeto de estudos pode ser de fundamental importância para entendermos os jogos de forças políticas e sociais que existem por trás da linguagem televisiva.

... o domínio dessa linguagem e dos processos comunicacionais que ocorrem por parte dos diversos e distintos públicos, em relação com os também diferentes produtos televisivos, é a meu ver elemento dos mais importantes no aprendizado de uma cidadania cultural.<sup>82</sup>

Porém, usar a Televisão na Escola com intuito de formar telespectadores conscientes, significa ao mesmo tempo, segundo Joan Ferrés, trabalhar com uma interação entre o espectador e o emissor. Segundo o autor, seria mais útil para os alunos fazer uma análise sobre a TV sem negar a sua magia,

---

8 1 FERRÉS, J. 1972: p. 172

8 2 FISCHER, R. M. B. 2001: p. 52

as sensações provocadas por ela. Nem todas as abordagens sobre a Televisão deveriam ser exclusivamente racionais, analíticas. Elas devem ser realizadas sim, mas devem analisar a realidade de um receptor, as reações que uma mensagem pode nele provocar.

Uma abordagem crítica da televisão deveria ser feita sempre a partir da interação. A experiência televisiva é o resultado do encontro de um espectador - com suas emoções e valores - e um emissor - com a sua ideologia, os seus interesses explícitos e implícitos, os seus valores e o seu sentido da estética. E tanto o espectador como o emissor estão condicionados por um contexto social e cultural. Não se deveria prescindir de nenhuma dessas dimensões.<sup>83</sup>

Como instituição responsável não somente pelo ensino das disciplinas como também pela educação, pela formação dos estudantes, a Escola deve preparar o aluno para a leitura deste código, saber utilizar as imagens, aproveitar seu potencial para estabelecer diálogos, contatos.

Cabe, sim, educar para uma compreensão objetiva e crítica da linguagem e das mensagens da TV, para a identificação de como ela funciona enquanto mídia comercial, de como ela interage com as realidades sócio-culturais e políticas no mundo todo, mas de modo especial no Brasil.<sup>84</sup>

É comum que as pessoas pensem que, por terem o hábito de assistirem Televisão e Cinema, já são capazes de interpretá-la de forma coerente, crítica e consciente. É preciso, para isso, não apenas selecionar um material que estimule os

---

8 3 FERRÉS, J. 1996: p. 81

8 4 MAGALDI, S. *in*: FISCHER, R. M. B. 2001: p. 113

alunos através da imagem, que complemente a atividade programada. É necessário, portanto, pensar numa maneira de utilizar este vídeo, seja educativo ou não, de forma que possa transformá-lo num instrumento educativo com a potencialidade de tornar o ensino mais democrático e de mais interesse para os estudantes.

TV/vídeo são recursos úteis para facilitar a modificação paradigmática da prática docente e dos hábitos estudantis, seja qual for a área de conhecimento curricular. São recursos que atraem espontaneamente a atenção e o interesse dos jovens e, quando bem utilizados, podem provocar a busca de conhecimento, além de veiculá-lo por modos muito cativantes.<sup>85</sup>

#### 4. TV ESCOLA

##### 4.1 - Apresentação

Com o objetivo de atender às necessidades e suprir as carências da Educação no país, o MEC criou o programa TV Escola. Consiste num canal de televisão com uma programação diária que apresenta documentários e séries a respeito de diversos temas ligados aos assuntos e áreas abordadas tanto na Educação Fundamental, quanto no Ensino Médio. O projeto entrou no ar, experimentalmente, em setembro de 1995, mas o lançamento oficial ocorreu apenas em março de 1996.

A TV Escola é um canal via satélite, com transmissão analógica de programas dirigidos às escolas públicas brasileiras de ensino fundamental e médio. Seus objetivos são a formação continuada do professor e o desenvolvimento do trabalho do educador, na escola e em sala de aula.<sup>86</sup>

---

8 5 FIORENTINI, L. M. R., CARNEIRO, V. L. Q. 2001: p. 67

8 6 REVISTA TV ESCOLA, outubro/novembro 2003, contracapa.

Para o surgimento do projeto, a Fundação Roquette Pinto, vinculada à TVE, doou em sua transmissão metade do transponder do satélite ao MEC. Desta forma, a TVE veicula o sinal e transmite a programação de acordo com as solicitações do MEC.

Com o TV Escola, o MEC objetiva promover a reciclagem dos professores, mesmo que em regiões distantes, valorizando o Magistério da rede pública de Educação Fundamental e Média. Assim, com o aperfeiçoamento dos professores e com a formação continuada através de programas produzidos com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o MEC pretende beneficiar também os alunos, além de educadores e diretores de Escolas.

Ao lado de outras iniciativas públicas, como as TVs educativas, e não-governamentais, como o Canal Futura (da Fundação Roberto Marinho) e a TV Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem comercial), a TV Escola se insere num amplo processo de renovação do ensino, no qual a televisão, como veículo, tem um papel destacado. Neste processo, o espaço escolar tradicional tende a ser flexibilizado, com os conteúdos e programas gravados em vídeo e transmitidos via satélite, adquirindo uma função didático-pedagógica central.<sup>87</sup>

Num país de extensa área territorial, cujo acesso à educação ainda não é democrático, o TV Escola permite que professores nos locais mais isolados tenham acesso à capacitação e à informação através da TV, um meio de comunicação bastante popular e de acesso relativamente

---

8 7 NAPOLITANO, M. 2003: p. 27

facilitado. Além disso, o canal pretende incentivar uma aproximação entre as Escolas e as suas respectivas comunidades. O programa foi criado durante o governo Fernando Henrique Cardoso e atendia ao compromisso com a qualidade do ensino e com a valorização do Magistério.

Por ser o Brasil um país de dimensões continentais, cuja população já está bastante familiarizada com a televisão, pela importância da função política da educação e por ser o Ensino Fundamental foco prioritário do governo, o veículo TV Escola tornou-se um grande aliado nas estratégias de superação de graves problemas educacionais, contribuindo de maneira significativa para a expansão do acesso ao sistema e sua democratização.<sup>88</sup>

Todas Escolas públicas, com mais de 100 alunos no Ensino Fundamental e com energia elétrica, tem direito a receber uma antena parabólica, um televisor, um videocassete, um estabilizador de voltagem e dez fitas cassete. Já no início, 30 mil escolas, com mais de 250 alunos, foram beneficiadas pelo programa do MEC, que libera a verba para a compra do Kit, distribui o material e ainda se responsabiliza pela programação da TV Escola.

Inicialmente, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, FNDE, financiava a TV Escola. Por isso, nos primeiros anos do programa, os vídeos se destinavam apenas ao Ensino Fundamental. A partir do segundo semestre de 1999, a Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Semtec, se tornou

---

<sup>88</sup> 8 FUNDAÇÃO CESGRANRIO, UNESCO. 1997: p. 19

parceira da Secretaria de Educação à Distância e passou a financiar a produção destinada ao Ensino Médio.

A programação da TV Escola, agora dividida em produções voltadas para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, vai ao ar quatro vezes ao dia e tem duas horas de duração. Já a de Ensino Médio, vai ao ar três vezes ao dia e tem duração de uma hora. Através das reprises, a escola tem a possibilidade de escolher um melhor horário para gravar os vídeos. Além dos programas voltados para a exibição em sala de aula, as programações de Ensino Fundamental e Médio possuem séries de vídeos voltados para a formação do professor e para a melhoria da didática em sala de aula, discutindo temas específicos de cada área.

O TV Escola oferece ainda um programa de debates de temas relativos à Educação, ao vivo, para os professores: o Salto para o Futuro. Nele, um mediador direciona perguntas dos telespectadores aos entrevistados convidados, que respondem às questões sobre a prática pedagógica imediatamente. No auxílio ao programa, existem 800 telepostos com orientadores educacionais. A gravação acontece à noite, ao vivo, e é reprisada duas vezes no dia seguinte.

A programação de final de semana, compromete-se com a prestação de serviços comunitários e com a aproximação da comunidade e da Escola.

Os programas da TV Escola constituem um recurso valioso para a formação continuada, para o planejamento e a prática das aulas, bem como para apoio a atividades de recuperação e aceleração. É indispensável que a Escola se organize, providenciando a gravação dos programas e tornando-os disponíveis para a utilização dos professores.<sup>89</sup>

São distribuídas mensalmente as Grades de Programação e anualmente o Guia de Programas para as escolas. A distribuição é realizada pela Secretaria de Educação à Distância (SEED/ MEC) com o intuito de ajudar os colégios na escolha dos programas a serem gravados e utilizados no planejamento do professor.

Os programas educativos são relacionados a diversas áreas de ensino, de acordo com os Parâmetros Curriculares nacionais e o Sistema de Avaliação de Educação Básica: Saúde, Biologia, Filosofia, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Ética, Informática, Geografia, Língua Inglesa, Literatura, História, Química, Física, Antropologia, Arte, Educação Física, Sociologia, Meio Ambiente, etc. Porém, grande parte dos vídeos não são produzidos no Brasil.

Como ferramentas de apoio ao professor no uso do TV Escola, o MEC publica bimestralmente a Revista TV Escola, acompanhando o período letivo. Antes de receber a revista, o colégio recebe uma grade de programação e também o conteúdo da próxima edição. Em todas as revistas, o professor encontra

---

8 9 REVISTA TV ESCOLA, outubro/novembro 2003, contracapa

instruções para a utilização dos equipamentos, manutenção, instalação e organização da videoteca.

Além da revista, o TV Escola publica um Guia com a relação de programas já transmitidos. A lista dos programas é separada por áreas de estudo e em seções especiais, com um pequeno resumo sobre a produção.

Para contribuir com mais informações sobre os temas que os vídeos abordam e para sugerir atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, são publicados, respectivamente, os Cadernos da TV Escola e os Cadernos de Vendo e Aprendendo.

Aos professores de Ensino Médio, a TV Escola oferece propostas de atividades com os programas *Acervo* e *Como Fazer?*, através de fichas distribuídas aos professores. Finalmente, completando a lista de publicações do TV Escola, os livros da *Série de Estudos e Educação a distância*, trazem textos que ajudam os professores no estudo de temas relacionados à educação a distância e às novas tecnologias para a educação.

A programação educativa veiculada através da televisão e acompanhada de material impresso, como no caso da TV-Escola, possibilita o estabelecimento de formas criativas de interação entre professores e alunos, criando, evidentemente, condições para a construção de uma nova pedagogia compromissada tanto com o processo de aprender a aprender com prazer e entusiasmo, quanto com o sucesso do aluno e com a educação de qualidade, a partir do uso de instrumentos de tecnologias comunicacionais

avançadas, possibilitando uma oferta comunicativa interativa.<sup>90</sup>

A partir de 2002, a transmissão analógica do TV Escola passou a ser ofertado em sinal digital, com a finalidade de melhorar a qualidade do áudio e da imagem dos programas. Desta forma, surgiu o projeto de substituição das antenas parabólicas originais.

Através de um site na internet ([www.mec.gov.br/seed/tvescola](http://www.mec.gov.br/seed/tvescola)), os professores podem adquirir mais informações, consultar a programação e enviar e-mails com dúvidas, críticas ou sugestões. A interação do professor com o TV Escola pode acontecer ainda através de ligações gratuitas, pelo Programa Fala Brasil, através da seção de cartas da revista e de endereço postal.

Uma avaliação do TV Escola, realizada pela Fundação Cesgranrio, em parceria com a Unesco e com o MEC, assinala os seguintes objetivos do governo ao criar este canal voltado para o trabalho escolar:

- *disseminar uma programação que desenvolva e estimule a interação e intercâmbio de informações entre professores;*
- *formar, aperfeiçoar e valorizar professores para melhorar o ensino e reduzir taxas de evasão e repetência;*
- *por à disposição dos professores metodologias e tecnologias de ensino e material de apoio para o trabalho em sala de aula;*
- *oferecer atualização e informações de caráter geral, não necessariamente vinculadas ao currículo, para estimular a ampliação dos horizontes de conhecimento de professores e alunos.*<sup>91</sup>

---

9 0 FUNDAÇÃO CESGRANRIO/UNESCO. 1997: p. 22

9 1 FUNDAÇÃO CESGRANRIO/UNESCO. 1997: p. 21

São ainda objetivos da TV Escola, segundo Relatório realizado entre 1996 e 2002:

- *permitir ao professor gerenciar seu próprio desenvolvimento profissional;*
- *oferecer aos diretores, supervisores e coordenadores pedagógicos um acervo educativo capaz de dar-lhes autonomia na elaboração de propostas de aperfeiçoamento continuado de seu pessoal docente;*
- *contribuir para a preparação e o desenvolvimento de aulas mais dinâmicas, ricas, contextualizadas, interdisciplinares, prazerosas;*
- *desafiar os gestores a incorporarem a tecnologia nos processos de gestão da escola e da sala-de-aula;*
- *implementar uma proposta de pedagogia da imagem, que se caracteriza pelo uso da imagem não como simples ornamento, mas como uma forma de linguagem, de comunicação, gerando leitura, decodificação, descoberta, aprendizagem;*
- *incentivar as universidades e instituições de formação de nível médio e superior a inserirem os recursos da TV Escola nos processos de formação de professores;*
- *auxiliar o professor na construção de atividades de aceleração e de recuperação de estudos, que possam ser utilizadas pelos alunos, inclusive de maneira independente;*
- *revitalizar a biblioteca, transformando-a num centro de recursos multimídia, na perspectiva de que a integração das diferentes mídias enriquece a formação do indivíduo;*
- *innovar a maneira de avaliar os alunos, usando o vídeo como fato gerador e um recurso interdisciplinar que orienta a construção do conhecimento e instiga o aluno a explorar, experimentar e expressar-se diretamente;*
- *facilitar a integração entre escola e comunidade, tornando-as parceiras na implementação do programa e na apropriação de seus benefícios.*<sup>92</sup>

Em parceria com a Universidade Pública Virtual do Brasil, a Unirede, a TV Escola ofereceu aos professores um curso de extensão à distância: o TV na Escola e os Desafios de Hoje. O objetivo do curso era de formar educadores

9 2 SEED/TV ESCOLA. 2002: p. 08

conscientes, críticos e criativos no uso pedagógico da linguagem audiovisual.

A idéia de que a televisão pode e deve ser utilizada como meio de democratizar o conhecimento, levou o país, com a TV-Escola, a adicionar eficiência ao sistema educacional e entrar em sintonia definitiva com as possibilidades comunicacionais e tecnológicas oferecidas pela tecnologia da informação, via satélite, para todas as regiões do país. A TV-Escola veicula, no nível de sua produção/emissão, programas educativos e culturais. No nível da recepção/usuários estes programas são destinados a aperfeiçoar, valorizar o professor e a enriquecer o processo de ensino aprendizagem, a partir de mensagens construídas para os diversos conteúdos disciplinares contemplados pelo projeto e transmitidos pela televisão.<sup>93</sup>

Conclui-se que o TV Escola é uma forma encontrada pelo governo de aproveitar o potencial educativo que a Televisão pode apresentar. É prova maior que a Educação não pode ignorar o fenômeno da Comunicação Audiovisual que acontece inevitavelmente na vida social de alunos e professores.

Não cabe aqui a análise desse projeto, chamado TV Escola. Mas, apesar dos equívocos e tropeços no planejamento, implantação e orientação pedagógica, o TV Escola criou um fato novo: viabilizou as condições de entrada da informação audiovisual na escola.<sup>94</sup>

#### 4.2 - Metodologia

---

9 3 FUNDAÇÃO CESGRANRIO/UNESCO. 1997: p.22

9 4 FISCHER, R. M. B. 2001: p. 111

O TV Escola surgiu de uma metodologia de ensino proposta pela Secretaria de Ensino à Distância - SEED/MEC - de incorporação de diferentes mídias na sala de aula para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. Com isso, o MEC não se limita a produção de vídeos, oferecendo ainda uma diversidade de materiais impressos para apoio na utilização dos programas.

Ainda que grande parte dos vídeos que fazem parte da programação do TV Escola sejam provenientes do exterior, sua diretriz é voltada para o atendimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Atualmente o MEC tem solicitado, contudo, a produção de vídeos exclusivos para o TV Escola. O objetivo, com isso, é de contribuir para a implantação das reformas curriculares. Além disso, os vídeos provenientes de outros países, podem ser transmitidos poucas vezes pelo TV Escola. Desta forma, dois anos depois de serem gravados pelos professores, a fita de vídeo já perdeu a qualidade e o programa não tem como ser recuperado pois geralmente não está sendo transmitido mais.

Verifica-se no discurso da produção a prevalência da lógica da produção televisiva (o modelo de linguagem *Discovery* repercute, como padrão, na escolha e na produção das imagens para a TV-Escola), apesar de considerarem que a TV-Escola não segue um padrão comercial.<sup>95</sup>

---

9 5 FUNDAÇÃO CESGRANRIO/ UNESCO. 1997: p. 41

A proposta do TV Escola é de disponibilizar aos professores programas de qualidade, que discutam temas transversais - referentes aos problemas sociais - e que possam ser trabalhados interdisciplinarmente pelos professores das Escolas. Para facilitar o trabalho do professor, a Revista TV Escola publica possibilidades de utilização de um mesmo vídeo para diferentes áreas de conhecimento.

Não obstante a proposta de programas ser multidisciplinar, definidos pelos parâmetros curriculares enquanto uma oferta de transversalidade dos conteúdos, a recepção ainda segmenta a programação por disciplinas.<sup>9</sup>

6

Percebe-se, porém que a proposta da Secretaria de Ensino à Distância com a criação do TV Escola para disponibilizar uma atividade interdisciplinar e transversal, só se realizará através de uma eficiente apropriação dos professores e um perfeito uso dos programas.

#### 4.3- Resultados

Avaliações periódicas sobre os resultados obtidos pelo TV Escola têm sido realizadas. E, nas cinco avaliações feitas até hoje, o que se observa é que, mesmo depois de uma rápida

---

9 6 FUNDAÇÃO CESGRANRIO/UNESCO. 1997: p. 42

distribuição de equipamentos e implantação do TV Escola, professores e funcionários seguem apontando diversos problemas para justificarem o não-uso dos vídeos em suas atividades pedagógicas e que a utilização dos programas ainda não se efetivou em muitas Escolas, mesmo depois de receberem o Kit Tecnológico.

A utilização, segundo Avaliação realizada pela Fundação Cesgranrio, está diretamente ligada à realidade social da qual faz parte a Escola. Ou seja: quanto mais conhecimentos sobre a utilização de vídeos tem um professor, mais se mostrará eficiente o programa. Além disso, os alunos mais acostumados com a linguagem audiovisual, apresentam mais abertura para lidar com o TV Escola.

Em avaliação mais recente, realizada em final de 2001 pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas - NEPP, da Universidade de Campinas, por solicitação da Secretaria de Educação à Distância, constatou-se que 39% dos professores não utilizavam os programas do TV Escola. Dentre os motivos mais apontados, destacaram-se a falta de equipamentos (36% dos kits não estavam em condições de funcionamento), a falta de treinamento para a utilização deste recurso e o hábito de só utilizar o livro didático.

Porém, entre os professores que utilizam os programas do TV Escola, constatou-se que a utilização dos vídeos motiva alunos, professores, melhora a qualidade dos trabalhos

desenvolvidos, além de ampliar o entendimento da matéria dada. Apenas 0,3% dos professores entrevistados disseram que não houve melhora significativa.

Apesar deste resultado satisfatório, diretores das Escolas apontam ainda a necessidade de um melhor preparo dos professores para a utilização deste recurso didático e para assumirem a incorporação dos vídeos nas atividades programadas.

Em breves palavras, os dados mostram que a TV Escola é bem avaliada pelos professores, mas o processo de incorporação no dia-a-dia da sala de aula ainda é incipiente: a tecnologia exige quebra de culturas e de práticas arraigadas, mudanças de paradigmas, novos esquemas de trabalho e autonomia para buscar o próprio aperfeiçoamento profissional, sem esperar por autoridades superiores. Os professores pedem capacitação (em 1999 eram 86%; em 2001, 76%). O curso *TV na Escola e os Desafios de Hoje* atendeu 12,1% dos entrevistados e ainda está longe de responder à demanda inicial que foi superior a 250 mil, ressaltando-se que a SEED não fez novas propagandas para sensibilizar educadores ainda não inscritos. Os equipamentos distribuídos estão envelhecendo e exigem do professor muita organização para tê-los em sala-de-aula. No exterior, a experiência mostra que o ideal é uma TV e um vídeo por sala. Mas é inegável que há um processo de mudança em pleno andamento. A digitalização do sinal, que vai repor antenas e resolver problemas técnicos de áudio e imagem, aliada às experiências exitosas e ao fato de que 95,3% dos professores valorizam a capacitação indicam um futuro promissor para a TV Escola.<sup>97</sup>

---

9 7 SEED/ TV ESCOLA. 2002: p. 33

## 5. TRABALHO DE CAMPO

Para a análise do uso da Televisão nas Escolas, considerou-se pertinente realizar uma pesquisa de campo em que fossem entrevistados professores habituados ao planejamento de aulas que incluíssem os meios audiovisuais como materiais de apoio ao ensino.

E, observando a instalação de equipamentos nas Escolas públicas de todo o país, através do programa TV Escola, concluiu-se que seria interessante analisar se este recurso estaria sendo bem aproveitado pelos professores, levando-se para o campo as seguintes indagações: Se eles se limitam à transmissão dos programas do TV Escola ou se utilizam outros gêneros televisivos? Se os professores utilizam a TV como recurso ilustrativo ou como instrumento para reflexão e crítica da sociedade? E, por fim, se eles têm observado um bom resultado no Ensino, através destas atividades pedagógicas.

### *5.1. A escolha do Campo*

Para a realização da pesquisa de abordagem qualitativa da análise do uso dos programas do TV Escola, priorizou-se a escolha de escolas públicas de Juiz de Fora que apresentassem diferentes histórias relativas ao uso dos vídeos.

Esta escolha aconteceu com a colaboração da Secretaria Municipal de Ensino, através do Centro de Formação do Professor, que grava e disponibiliza os programas do TV Escola para professores da Rede Pública de Ensino; além da indicação por professores que conheciam escolas com o perfil necessário para a pesquisa.

Primeiramente foram entrevistadas duas professoras de uma Escola Municipal, de periferia, que implantou o uso do TV Escola desde o seu início, em 1996. Porém, sua utilização ainda é limitada a um pequeno número de professores.

Após esta entrevista, visitou-se uma Escola Estadual com um maior número de alunos, também na periferia da cidade. Nesta escola, além de quase todos professores utilizarem os programas desde a criação do TV Escola, existem funcionários responsáveis pela gravação e arquivo dos vídeos solicitados pelos professores.

Se, por um lado, as duas escolas entrevistadas inicialmente foram beneficiadas pelo Kit Tecnológico, a terceira escola analisada não recebeu esta contribuição do MEC. É uma escola que iniciou o uso de programas audiovisuais recentemente tendo ainda uma utilização limitada a um pequeno

número de professores, que utilizam prioritariamente os programas da Rede Globo, como o Globo Ciência, Globo Repórter e Globo Rural, adquiridos através de um convênio.

Inicialmente, na idealização deste projeto, pretendia-se realizar entrevistas em escolas localizadas em cidades de diferentes portes: cidade pequena, média e grande. Porém, dada a dificuldade de entrada em escolas de cidades com o porte acima citado, constatou-se que seria mais adequado e proveitoso entrevistar professores que possuíssem diferentes experiências em relação ao TV Escola.

## 5.2 - Técnica de Abordagem

Para esta pesquisa, considerou-se pertinente a realização entrevistas não-diretivas<sup>9</sup> ao invés de oferecer um questionário fechado ao professor. Além de se limitar ao texto escrito, o questionário não nos ofereceria as vantagens de se estar diante do entrevistado e dialogar sobre o tema, flexibilizando a pesquisa de acordo com as necessidades e singularidades de cada entrevista.

A entrevista pessoal possibilita maior flexibilidade, melhora a compreensão (porque se pode repetir as perguntas ou formulá-las de outro modo e acrescentar, inclusive, perguntas esclarecedoras). O entrevistador pode criar uma atmosfera favorável que torne possível a expressão de sentimentos e motivações. A

---

9 8 THIOLENT, M. 1987: p. 79-127

validade das respostas é maior, porquanto o entrevistador não registra apenas o que diz o informante, mas *como* o diz.<sup>99</sup>

Houve a preocupação em garantir aos professores uma entrevista que não lhes constrangesse. Desta forma, foi-lhes apresentado o objetivo da pesquisa e dada a segurança de que seus nomes não seriam divulgados.

A arte do entrevistador reside em sua capacidade para criar uma atmosfera favorável, de modo que o entrevistado possa expressar suas opiniões sem temor e com franqueza.<sup>100</sup>

A escolha dos locais e horário de entrevista foram escolhidos pelos próprios professores, de acordo com sua conveniência. Todos optaram por serem entrevistados no próprio local de trabalho, durante os intervalos ou antes de iniciarem as aulas. Desta forma, todos puderam se sentir à vontade para conversar.

Para evitar distorções e erros no registro das respostas todas entrevistas foram gravadas em fitas k7 e transcritas inteiramente para a posterior análise de conteúdo.

---

9 9 VERA, A. A. 1974: p. 43  
1 00 VERA, A. A. 1974: p. 43

## 6. ANÁLISE DOS DADOS

Através das entrevistas realizadas com os professores habituados a utilizarem os programas da TV Escola, comprovou-se que todos fazem uso de outros gêneros televisivos, como filmes, documentários e telejornais de emissoras abertas.

"A TVE tem muito programa bom. Mesmo filme, assim, independente do TV Escola. Hoje mesmo eu passei na locadora pra saber qual filme que tinha pra eu usar na 5ª série sobre o Egito. Porque a 5ª série, não adianta eu passar um filme didático que eles não tão nem aí... Eles não vão prestar atenção em nada. Então tem que ser um filme que desperta a atenção deles". P2

"Na área de história, por exemplo, filme direcionado pra aquele conteúdo que a professora está trabalhando. Aqui passa muito. Por exemplo: um filme que eles gostaram muito chama "O Pianista", relacionado à 2ª Guerra Mundial. "Canudos", "O Pianista", "O Patriota"... Tem vários filmes!". P3

"Eu gosto muito assim, de variar o máximo, entendeu? E não fico só na TV Escola, é claro! Então tenho documentários da Globo, do SBT, da Record, da... até da Rede Vida também eu pego muito". P4

"Eu uso muito jornal, muita revista, eu assino a Veja... E rasgo, trago pra cá (...) Todo recurso disponível, quando não tem na escola, eu trago da minha casa". P4

"Eu fiz um convênio com a Globo juntamente com a escola, que eu posso alugar aqueles filmes da Globo: Globo Repórter, Globo Ciência, Globo Rural, isso tudo. Tenho também da TV Escola, tem uns da

**Discovery... O material impresso, como trabalho com a geografia, é muita atualidade, né... Jornais, revistas, Caros Amigos - sempre é Ensino médio, uma ou outra revista Veja - eu não gosto tanto, caderno Mais da Folha de São Paulo... Basicamente isso, pra Ensino Médio". P5**

Desta forma, tornou-se difícil realizar a entrevista sobre o uso do TV Escola, sem abordarmos também a utilização de outros gêneros televisivos no processo de ensino-aprendizagem.

Através de uma análise das entrevistas realizadas entre os professores que fazem uso da Televisão, especialmente do TV Escola, nas atividades pedagógicas, constatou-se a preocupação de todos eles no planejamento das aulas em que fossem transmitidos programas. Eles afirmaram que a escolha dos vídeos acontece em função de uma adequação para a classe e para os objetivos da disciplina. Esta tarefa é de fundamental importância para que o exercício proposto tenha o sucesso esperado, segundo Marcos Napolitano.

Se o professor está interessado em incorporar um novo material de aprendizagem, é melhor que ele planeje essa incorporação e se prepare previamente para extrair o máximo possível desse material. Tem sido muito comum o desestímulo de professores que, ao incorporar uma nova experiência didático-pedagógica, não encontram o retorno esperado da classe.<sup>101</sup>

Percebeu-se que todos os professores da amostra exercem seu poder de seletividade dos materiais audiovisuais conforme

---

1 01 NAPOLITANO, M. 2003: p. 43

a grade curricular e o seguimento específico a ser trabalhado.

"A gente seleciona. Uma coisa é a gente colocar assim: sempre a gente tem que ver o vídeo antes pra poder passar pros alunos senão não adianta nada. O trabalho fura". P1

"Eu analiso primeiro a turma da qual eu tô trabalhando, né. E o trabalho do qual eu tô fazendo também porque... quer dizer...igualzinho a esse filme da Pré-história: eu dei, falei, trouxe gravura, trouxe transparência, fizemos desenho, etc e tal... E depois eu trouxe o filme pra fechar, sabe?". P4

"É tudo programado, tá. De acordo com o conteúdo que ele está trabalhando (...)Se há a oportunidade deles assistirem o filme antes de trabalhar o conteúdo. Isso depende do professor: ou antes, ou durante, ou no final". P3

Conforme Marcos Napolitano,

...é importante que o professor conheça a cultura televisual do aluno e trabalhe com ela para iniciar a sua experiência, sem impor programas ou fontes completamente estranhos ao universo do grupo.<sup>102</sup>

Entre todos professores entrevistados, percebeu-se que a escolha dos vídeos se adequa ao perfil das turmas em que lecionam: tanto pelo tempo de duração das fitas, quanto pelo assunto abordado, que geralmente é de interesse dos alunos e se refere aos conteúdos desenvolvidos em sala de aula.

---

1 02 NAPOLITANO, M. 2003: p. 44

"As fitas não podem ser aquela coisa muito massiva, muito técnica. Tem que ser o mais simples possível. Eles gostam de coisa mais da realidade. Eu, por exemplo, quando falo de paisagens, vou mostrar, uso muito o Globo Repórter, que são reportagens muito interessantes, na linguagem deles, de fácil compreensão...Basicamente isso". P5

"Então, assim, você já conhece as deficiências dos alunos, você sabe quem cresceu da 5ª pra 6ª, da 6ª pra 7ª...Então você já faz um trabalho nesse sentido. Agora, nem sempre dá pra você dirigir uma atividade pra um aluno, pra outro... Isso não! Você tenta fazer a média do que você pode fazer em cada sala. Tem muita coisa: o que eu faço numa sala não significa que eu faço na mesma série. Esta preocupação eu tenho, né". P1

"Olha, os alunos de... na faixa de 5ª a 8ª série, 2º grau, [preferem]os filmes mais longos. Os de 1ª a 4ª série, os filmes menores, de curta duração, assim: 20 minutos, no máximo 50 minutos. Mais eles não agüentam. É a questão da.. período de atenção deles que é muito curto. Eles não conseguem assim, se prender muito, por muito tempo não". P3

Preocupada com a disciplina da turma durante a transmissão dos programas audiovisuais ou até mesmo com a possibilidade dos alunos não compreenderem conteúdos subjetivos dos vídeos, a professora P4 edita os filmes que utiliza, retirando alguns trechos, se julgar necessário.

"Isso é um cuidado que eu tenho, sabe por quê? "Em nome da Rosa", né? Aí, o que acontece? Tem lá o padre beijando a menina, agarrando a menina, tirando a

roupa da menina... Na televisão eles podem ver isso que é normal. Mas passar aqui na escola é zebra. O quê que eu faço? Eu gravo e tiro aquelas cenas. Por incrível que pareça, como eu falei. (...)Aí, pra 8ª série é diferente, né! Passei " O Cangaceiro", com Luiza Tomé e eles... Normal. Eles são mais adultos, tudo bem! Mas eu corto cenas. Corto pra evitar também...sei lá! (...)Eu cortei uns pedacinhos de Joana D'Arc também. Cortei mesmo porque era aquele conflito que ela tem com o subconsciente e tal, entendeu? E não dá pra eles entenderem isso. Acho que foi isso mesmo. É complicado. Então, o que eu acho que é complicado, analiso com eles e tal... Vejo... Tem turma que é diferente. Muda de ano pra ano também, tá? Porque eu já tive turma de 6ª série que eu pude passar o Joana D'Arc inteiro. Essa desse ano eu já cortei. Então, tem que levar a sério". P4

A professora de História P2 ressalta a importância de esclarecer aos alunos que as atividades didáticas com utilização da TV não são atividades de lazer, de relaxamento.

"Principalmente quando a comunidade é mais carente, eu acho que muitos nem vídeo em casa não têm. É uma coisa diferente. A 5ª série eu tô com um problema com eles. Eu passei dois filmes pra eles, eles não sabem ouvir, não sabem escutar, não sabem assistir. Porque eles acham que filme é só pra brincar, só de lazer. Então eles não estão acostumados a ver filme didático. Então, eu tô assim...Não sei! Eu falei que eu não vou mais passar filme mais pra eles. Mas eu tenho que passar. Aí, a TV Escola ajuda neste sentido. Porque ela tem aqueles filmes mais curtinhos". P2

Conforme Marcos Napolitano, esta preocupação da professora P2 deve existir na proposta de qualquer atividade didática que utilize um novo instrumento de aprendizagem.

Desde o início esclareça a classe de que, ao propor uma nova experiência didático-pedagógica, a partir de uma nova fonte de aprendizagem (como o cinema, a música e a TV), as atividades que se seguirão são *trabalho*, e não *lazer*. É comum os alunos terem uma expectativa de *lazer* quando o professor propõe a assistência de um filme ou a audição de uma canção. O aluno deve sentir que esta experiência está articulada ao conteúdo geral do curso e não se trata de uma mera atividade de ilustração, vazia de conteúdo próprio.<sup>103</sup>

Notam-se diferentes tipos de incorporação da TV nas atividades didáticas dos professores entrevistados.

Em algumas ocasiões, os vídeos têm a função de ilustrar, através de suas imagens, o que já foi transmitido em sala de aula, através do discurso oral do professor ou de material já estudado.

"Na história, por exemplo, ele vê, eu passo pra ele os conceitos, o conhecimento, a didática, o que aconteceu... E ele, no filme, ele vai ver ali a roupa da época. Porque o que identifica o período é a roupa. Somente. Então, esta novela das 18h, por exemplo, que época? Você vê direitinho pelo modo de vestir, pelo modo de usar o chapéu. Você se situa no tempo de acordo com a roupa".  
P2

"Dou, por exemplo, eu dei "Origem do homem americano" aí passou na Record o

---

1 03 NAPOLITANO, M. 2003: p. 45

documentário "O homem de Neandertal". Gravei no segundo, não foi desde o início não. Mas gravei pros meninos, trouxe e tal. Ah, que maravilha! Porque eles vivem mais, vivenciam mais o que aconteceu naquela época, sabe? Porque é meio difícil falar: "Paleolítico, Neolítico, era assim, era assado!". P4

"O ensino, principalmente a geografia, a gente tem que conciliar, né, a questão visual, a questão também do áudio. E o vídeo ajuda muito, principalmente a geografia, que é uma ciência explicativa, falando de paisagens... Então é impensável você estudar geografia sem mostrar o vídeo". P5

"Igual, por exemplo: eu trabalho a região nordeste, né, na 6ª série. Aí falo sobre o problema da seca, a questão de relevo, de hidrografia... pra eles verem também tudo em vídeo. Aí: "tão lembrado, gente, daquela aula que eu falei? É isso aí! Aquilo lá que é mata, que é a caatinga! Olha só: aquela vegetação parece com a da nossa realidade aqui? Não, não parece!". P5

Em outros casos, os professores utilizam os vídeos para a discussão de temas transversais, para gerar reflexão acerca de problemas sociais, políticos, etc.

"A geografia, por si só, ela já é transversal. A geografia, ela é interdependente. Economia, política, ciências, história... Você dar uma aula de geografia sem falar de economia, de política, de direito... Porque você fala de cidadania, você fala de direitos, de deveres. Então você entra em tudo. A geografia, por si só, ela é transdisciplinar". P5

"Olha, o de hoje eles tiveram muito interesse, né, porque envolvia Aids,

envolvia droga, envolvia sexo... Então tá dentro da realidade deles, né". P3

"Agora, por exemplo, na semana do Meio Ambiente, nós desenvolvemos, trabalhamos aquele filme "A ilha das flores" e a poesia "É o bicho". Então... os meninos estão fazendo um trabalho sobre esse filme e a poesia(...)E fazendo um paralelo entre a poesia e o filme. E dando sugestões de modificações daquela situação". P3

"Eles então aproveitam pra analisar a situação social de determinadas comunidades. E fazem um paralelo entre a comunidade que eles viram no filme. Se há alguma coisa assim dentro da realidade deles... E dão uma série de sugestões também pra... o que deve ser feito pra melhorar esta situação". P3

Entre os temas transversais, alguns professores utilizam a TV nas atividades didáticas para tornar seus alunos telespectadores críticos e capazes de refletirem sobre a mensagem televisiva, que seria uma *educação para a televisão*, como destaca Sylvia Magaldi:

A formação para a cidadania não pode mais dispensar uma consistente educação para as mídias, em especial para a mídia televisual. Como formadora de comportamentos e opiniões, a TV exerce um poder sem precedentes. Não cabe negar esse fato, nem abordá-lo emocionalmente.<sup>104</sup>

**"Eu falo com eles: "vocês não vão ficar assistindo só...Não tenho nada contra a Globo! Mas vocês não vão ficar assistindo**

---

1 04 MAGALDI, S. *in*: FISCHER, R. M. B. 2001: p. 113

só Globo! Vamos assistir os outros canais, vamos ver o quê que eles têm bom ali pra você, né! Pra nossa vida... Pra gente aprender a ficar pelo menos um pouquinho crítico, porque não adianta também você ser muito porque vem de cima pra baixo mesmo! O negócio desanima!". P4

"Eu passei um vídeo do Globo Repórter sobre o MST e o vídeo era bem parcial em relação aos ruralistas. Aí a gente criticou isso: "por que será que a Rede Globo não foi tão a favor do MST?". Então eu fiz até um seminário em relação a isso. E eles discutiram, a gente chegou à uma conclusão de que realmente o poder do capital, que é o lado que a Globo está, às vezes não é de tão interesse pra que ela proteja tanto o MST". P5

Os professores entrevistados, em sua totalidade, não substituem os outros métodos de ensino tradicionais pelo uso da Televisão.

"É um companheiro, é uma ferramenta. Vamos deixar bem claro isso. A meu ver, o vídeo é uma ferramenta. Substituir nunca porque a leitura é imprescindível, né. Imprescindível, não tem como substituir". P5

"A TV Escola em si, ela é muito pouco, entendeu? Eu particularmente acho. Acho que tem que ter né... uma estrutura. Tem que ter pai que lê em casa, tem que ter mãe que orienta.. Porque senão fica só aquela coisa: a TV, a casa; a casa e a Escola. Acho isso pouco". P1

Em alguns casos, eles são utilizados sim, para solucionar problemas do ensino, como a dificuldade dos alunos

para assimilar o conteúdo didático e a falta de livros didáticos nas escolas públicas, o que não significa que sejam ferramentas usadas isoladamente.

"A gente não pode ficar apegada ao livro porque aqui, por exemplo, não tem livro didático". P2

"É uma ajuda muito grande. Sem contar que a dificuldade dos alunos também é imensa. Isso em qualquer nível, principalmente escola pública. Então o vídeo ajuda muito a compreensão, um complemento. Eu uso o vídeo como complemento da disciplina". P5

Entre as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores na implantação dos programas do TV escola, destacaram-se a falta de tempo para gravação ou empréstimo de vídeos nas Secretarias de Educação e os problemas técnicos.

"Aí você tem o trabalho de levar a televisão pra sala de aula, é colocar os alunos... ajeitar aquilo tudo... Aqui você já tem um lugar fixo, aqui nesta escola...né... A gente tinha um lugar bem mais aconchegante ano passado... Mas aí o espaço... Então isso tudo dificulta esse o uso, né. Então eu percebo isso. Meus colegas poucos... poucos são os colegas que usam". P1

"Mas a TV Escola tem filmes muito bons. Muito usados, né... Porque todo mundo usa! A gente vai à superintendência, pega o filme, ou na secretaria... Eu pego, todo mundo pega. Aí, os filmes não são muito bons não por isso. De tanto uso". P2

"Dificuldade dessa jornada de trabalho minha: trabalho de manhã e à tarde e à noite aqui. Às vezes nem tenho tempo de ir

lá, e pedir, e pegar aquele livrinho e ver.. Tô precisando fazer isso". P2

"Esse ano não. Esse ano nós não trabalhamos com o TV Escola ainda não. Primeiro porque a parabólica estava com problemas, né. E agora veio essa fase de desenvolvimento do Meio Ambiente, esse problema todo, e a gente tá muito envolvida com isso tudo. Ainda não deu pra gravar não. Aí nós vamos voltar a usar". P3

Por outro lado, os professores conscientes da necessidade do uso da Televisão na Escola enfrentam estas dificuldades acima destacadas, com o objetivo de melhorar o Ensino.

"A escola adquiriu há pouco tempo uma televisão de 29 polegadas, que ajudou muito, porque a televisão de antes era de 20 era péssimo o som. Aí ajudei também a reclamar. Reclamei demais! Chegou uma televisão nova, um vídeo novo, mas... que eu saiba, não tem parabólica não". P5

Apesar de algumas Escolas incentivarem a gravação dos programas ou de possuírem mais infra-estrutura para esta atividade, percebe-se um esforço individual de todos os professores na aplicação dos recursos audiovisuais nas atividades didáticas. Até mesmo aqueles que trabalham em escolas que possuem "professores de uso de biblioteca", que se disponibilizam para gravar os programas do TV Escola desejados, têm o seu acervo próprio ou buscam vídeos

emprestados nas Secretarias de Educação de suas respectivas escolas.

Além do esforço individual na aplicação destes recursos, nota-se que as atividades pedagógicas auxiliadas pela Televisão ainda não são interdisciplinares, conforme os objetivos do MEC na criação do programa TV Escola. Somente na segunda escola analisada houveram atividades interdisciplinares de discussão de temas transversais, com o auxílio da Televisão.

Concluindo, através da pesquisa de campo, percebemos que os professores que têm utilizado a TV na sala de aula, através dos programas da TV Escola principalmente, têm obtido bons resultados através destas atividades didáticas.

**"Aguça mais a curiosidade quando você coloca um vídeo em relação àquilo que você tá trabalhando". P1**

**"Há sempre há um crescimento. Eu percebo isso. Agora, assim: é fundamental? Todo mundo deve usar? Não sei". P1**

**"Justamente pra dar, de repente, a oportunidade deles pararem e refletir, né". P2**

**"Eu, praticamente, eu não acho, não vejo defeito não. Pelo contrário. Eu acho produtivo assim, produtivo. Ele é muito produtivo, mais pra área de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série". P3**

**"O aproveitamento é sempre bom. Porque eles crescem muito com isso. Eles têm a liberdade de analisar, né. Eles têm a oportunidade pra analisar, pra debater,**

pra conversar... Porque o professor sempre faz um trabalho com filme. Ele nunca passa um filme assim, só por passar. Em cima daquele filme existe um planejamento. E ali o aluno tem a oportunidade de dar sua opinião, de fazer um paralelo entre uma situação e outra". P3

"Tem um bom aproveitamento sim. Eles gostam. Eles já acostumaram". P4

"É muito enriquecedor você ver, ouvir, do que aquela coisa fria que às vezes é o livro. Mas é necessário também. Mas o vídeo é um complemento". P5

## 7. CONCLUSÃO

Sabe-se que o processo de implementação dos meios audiovisuais nas atividades didático-pedagógicas ainda não se consolidou em todas as Escolas e que os resultados deste trabalho não são tão imediatos. Discute-se muito as diversas formas de incorporação da TV na sala de aula, mas já se concluiu que a melhor forma de utilizá-la é adequando-a ao grupo de estudantes com o qual se está trabalhando.

Através deste trabalho, foi possível constatar a preocupação dos professores da Rede Pública de Ensino de Juiz de Fora em garantir aos alunos uma didática condizente com suas necessidades. O trabalho, apesar de ser idealizado muito intuitivamente pelos professores, tem gerado bons resultados.

A linguagem mediática não deve ser ignorada pelo universo escolar. Não cabe aos professores apenas criticar a Televisão e considerá-la uma inimiga e concorrente no aprendizado e sim, explorar todas as vantagens que este meio pode oferecer. O professor deve tornar o aluno um telespectador autônomo e crítico destas ferramentas, promovendo o fornecimento de novas linguagens para os estudantes e, com isso, atualizar a concepção de fonte de aprendizado. Ou seja, a escola deve sempre ter como objetivo a educação de uma sociedade em constante mudança, não supervalorizando o novo, mas também democratizando algo da educação tradicional, que ainda é privilégio de poucos.

## 8. BIBLIOGRAFIA

- 1) BRAGA, José Luiz; CALAZANZ, Regina. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.
- 2) CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. **Castelo Ra-Tim-Bum: o educativo como entretenimento**. São Paulo: Annablume, 1999.
- 3) DEMO, Pedro. **Questões para a teleducação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- 4) DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- 5) FERRAZ, Ernani Almeida. **Teleducação para o Trabalhador brasileiro: um estudo da Recepção teleducativa**. Rio de Janeiro: UFRJ; ECO, 2001
- 6) FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- 7) FIORENTINI, Leda Maria Rangel, CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão (coord). **TV na Escola e os Desafios de Hoje: usos da Televisão e do vídeo na Escola**. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- 8) FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- 9) FUNDAÇÃO CESGRANRIO/ UNESCO. **Projeto de Acompanhamento e Avaliação da TV Escola**. Rio de Janeiro: 1997
- 10) LAMBRUNIE, Maria das Graças Lino. **Máquinas didatizadas: Uma análise dos usos das Tecnologias da Comunicação e**

da Informação na Escola. Rio de Janeiro: PUC;  
Departamento de Educação, 2004.

- 11) LAZAR, Judith. **Escola, Comunicação, Televisão**. Trad. Zélia Faria. Porto: RÉS-Editor Lda, S/data.
- 12) MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- 13) MATUCK, Artur. **O potencial dialógico da televisão: comunicação e arte na perspectiva do receptor**. 2ª ed., São Paulo: Annablume, 2000.
- 14) NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5ª ed., São Paulo: Contexto, 2003.
- 15) PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e escola: conflitos ou cooperação?** São Paulo: Editora Cortez, 1991.
- 16) RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- 17) SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- 18) **REVISTA TV ESCOLA**. nº33. outubro/novembro 2003.
- 19) SEED/ MEC. **TV Escola: Relatório 1996- 2002**. 2002
- 20) VERA, Armando Asti. **Metodologia da pesquisa científica**. Trad. Maria Helena Guedes Crespo e Beatriz Marques Magalhães. Porto Alegre: Globo, 1974.

## 9. ANEXOS

### 9.1- *Entrevista com a professora P1*

**P1:** Professora de Geografia (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série) em Escola Municipal na periferia de Juiz de Fora (E1) e leciona também em colégio do Estado. Segundo a professora, no turno da manhã trabalham cerca de 20 professores e 4 utilizam os programas do TV Escola. Em sua escola, a maioria dos professores pega as fitas do TV Escola emprestadas no Centro de Formação do Professor.

AP: Quando você implementou o uso da TV Escola nas suas atividades pedagógicas?

P1: Já faz um tempo, né, que a gente já faz o uso. Aproximadamente o quê? Uns cinco a seis anos. Talvez nesse período. Aí é o que eu tinha te falado, Ana Paula. Não é uma coisa freqüente, né... Eu tenho um planejamento e dentro deste planejamento, eu implanto.

AP: O que você percebe por parte dos alunos com o uso da TV? Você percebe alguma diferença...

P1: Percebo. Assim, quando o assunto...Ele fica mais...Como é que eu vou te dizer? Aguça mais a curiosidade quando você coloca um vídeo em relação àquilo que você tá trabalhando. E depois você também trabalha esse vídeo com as crianças. Não é só passar o vídeo e pronto, acabou. Você faz um estudo; um estudo dirigido daquele vídeo.

AP: Como você percebeu a importância de colocar a TV na sala de aula? Como e quando?

P1: A necessidade de uma dinâmica na sala de aula. É isto que faz a gente colocar.

AP: Tá. Mas isso é mais um instrumento ilustrativo ou é mais um instrumento de conhecimento, pra gerar conhecimento mesmo, reflexão..

P1: As duas coisas estão associadas.

AP: Estão associadas?

P1: Percebo isso.

AP: No que a TV Escola contribui para a sua disciplina?

P1: Vão pegar aluno de 5<sup>a</sup> série, tá? Onze anos. Então quando eles conseguem perceber... Vou pegar um exemplo de geografia: coordenadas geográficas. Quando eles conseguem perceber...Uma coisa é você trabalhar...e a outra é você ter o lúdico. Então, quando eles conseguem perceber isso, há um crescimento, ou seja, há uma resposta pra aquilo que eu estou querendo passar pra eles e que eles conseguem captar. Então eu percebo esta importância. Agora: é sempre? Não. A gente não consegue isto também com todos os vídeos não. A gente

seleciona. Uma coisa é a gente colocar assim: sempre a gente tem que ver o vídeo antes pra poder passar pros alunos senão não adianta nada. O trabalho fura.

AP: Na sala de aula você deve perceber isso, né Vânia, que são diferentes alunos, de faixa etária diferente, na mesma classe e até mesmo de nível sociocultural diferente. Como você faz pra passar um programa, um mesmo programa, com a mesma atividade pedagógica pra alunos diferentes, na mesma sala de aula? Você pensa um pouco nisso antes de passar o programa?

P1: Penso. Quando...É...Vão pegar agora a prefeitura, que já tem alguns anos que eu tô na mesma escola, que eu venho acompanhando os alunos. Diferente da escola do Estado, que a cada ano são alunos diferentes, né... Então, assim, você já conhece as deficiências dos alunos, você sabe quem cresceu da 5ª pra 6ª, da 6ª pra 7ª...Então você já faz um trabalho nesse sentido. Agora, nem sempre dá pra você dirigir uma atividade pra um aluno, pra outro... Isso não! Você tenta fazer a média do que você pode fazer em cada sala. Tem muita coisa: o que eu faço numa sala não significa que eu faço na mesma série. Esta preocupação eu tenho, né...

AP: Aqui na escola por exemplo, ou na escola do Estado que você trabalha, o que você percebe? Os seus colegas, os outros professores da Escola... Eles também utilizam o TV Escola?

P1: "Muito pouco. Muito pouco. Eu podia dizer assim: eventualmente usam. Porque também tem uma coisa, né, que eu vejo. Se você não tem um lugar pra colocar, aí você tem o trabalho de levar a televisão pra sala de aula, é colocar os alunos... ajeitar aquilo tudo... Aqui você já tem um lugar fixo, aqui nesta escola...né... A gente tinha um lugar bem mais aconchegante ano passado... Mas aí o espaço... Então isso tudo dificulta esse o uso, né. Então eu percebo isso. Meus colegas poucos... poucos são os colegas que usam.

AP: Mas a que você deve este pouco uso além desta dificuldade que você citou agora? Tem mais alguma outra coisa que você acha...

P1: Talvez seja esse... essa falta de tempo, de procurar, de conhecer...Então quando um colega fala: 'olha, eu vi uma coisa interessante, tá ali!', aí fica mais fácil. Agora: 'olha, eu tenho que procurar nem que seja por aí', aí fica mais difícil.

AP: "P1", eu queria que você fizesse um relato pra mim de como é o seu dia-a-dia profissional. Você trabalha quantas horas por dia? Em quantas turmas você leciona?

P1: "Então esse ano. Esse ano. 336 alunos ao todo. 36 aulas por semana. De manhã e à tarde. Tem planejamento? Tem. Meus alunos têm um cronograma diário do que a gente vai fazer. Mas aí já são anos de serviço pra gente chegar nesse pé, né, vamos dizer assim. Então, é puxado...O que eu falaria é isso.

AP: E como você relataria a diferença dos alunos que assistem a TV Escola e as que não assistem a TV Escola? Antes e depois? Você percebeu alguma diferença?

P1: Sempre há uma diferença. O uso.. Seja o uso de qualquer técnica, de qualquer metodologia, né... acho que sempre há uma diferença... há sempre há um crescimento. Eu percebo isso. Agora, assim: é fundamental? Todo mundo deve usar? Não sei...Depende do critério de cada colega, né... Então assim...O que eu poderia te dizer? Que os alunos se sentem mais interessados...Alunos de 5ª série, eles gostam muito de vulcanismo, alunos de 8ª, eles gostam muito de relatar, por exemplo, o cinema nacional com o que eles estão vendo.. as questões sociais, políticas. Então há sempre essa assim, essa afinidade, vamos dizer assim, do aluno relacionar o que ele está estudando com aquilo que ele está assistindo. Então eu vejo assim.

AP: Depois que você começou a utilizar um meio audiovisual na sala de aula, você começou a perceber que os alunos começaram a se interessar mais por outras fontes de informação ou não? Trouxeram alguma outra coisa?

P1: É... Vamos dizer assim: sempre desperta em alguns essa vontade. Mas eu acho que isso também não é só a televisão. Acho que tem toda uma estrutura por trás. Tem família, né... Tem informação. Então, você pegar uma Escola periférica: União da Betânia, e dizer que isso foi o que aguçou a curiosidade do aluno, acho muito pouco. Acho que sempre tem uma coisa por trás. E não é só sala de aula.

AP: Falando em curiosidade, você acha que TV Escola desperta a curiosidade do aluno pro tema que está sendo abordado? Desperta a curiosidade e o interesse?

P1: É isso que eu tô te falando. Eu acho que sempre tá relacionado.. A TV Escola em si, ela é muito pouco, entendeu? Eu particularmente acho. Acho que tem que ter né... uma estrutura. Tem que ter pai que lê em casa, tem que ter mãe que orienta.. Porque senão fica só aquela coisa: a TV, a casa; a casa e a Escola. Acho isso pouco.

AP: Quantas vezes por ano mais ou menos você acha que você usa o TV Escola numa turma?

P1: Vamos colocar por bimestre, né! Deve dar uma média de uns 12 vídeos por ano.

AP: E você utiliza só o TV Escola ou utiliza outros meios audiovisuais, outro programa de televisão...outro gênero...

P1: A, se tiver, ouço. Uso outros. Que não são o TV Escola não. TV Escola porque seu trabalho está sendo dirigido neste sentido. Então a gente tá enfatizando, né. Mas outros vídeos, outras fontes... Música. Trabalho muito com música.

AP: O que você percebe que podia ter de modificação no TV Escola? O que você sugeriria que mudasse? Que não deu certo, que não esteja funcionando...

P1: Alguns vídeos, que eles são importados, vamos dizer assim. Os enlatados. Aí às vezes a dublagem, ela dificulta. A explicação do profissional... Então talvez tivesse que ser repensada.

## 9.2- *Entrevista com professora P2*

**P2:** Professora de História (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série) em Escola Municipal da periferia de Juiz de Fora (E1) e Escola Estadual também em periferia (E2). Utiliza filmes emprestados pela Superintendência, de seu próprio acervo ou da videoteca da Escola.

P2: Eu trabalho muito com a TV Escola no Estado também. Eu trabalho lá no Santa Luzia. E lá...eu... Mas o que tinha na TV Escola, a Escola gravou, a superintendência... E então eu uso independente. O Estado é que usa muito a TV Escola. Tem aquele panfleto, né, aquele livrinho... E aqui eu uso. Eu trago de lá, daqui eu levo pra lá... Eu uso muito porque história você tem que trabalhar muito com filme, né. Mas a TV Escola tem filmes muito bons. Muito usados, né... Porque todo mundo usa! A gente vai à superintendência, pega o filme, ou na secretaria... Eu pego, todo mundo pega. Aí, os filmes não são muito bons não por isso. De tanto uso.

AP: A senhora dá aula...Como é o seu dia-a-dia? Quantas horas por dia?

P2: Eu trabalho no Estado de manhã. 18 horas no Estado. 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> de história, lá em Santa Luzia. Aqui, 5<sup>a</sup> à tarde e 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> à noite. Então, aqui são 15 aulas e no Estado são 18. Por semana. Dá um total de 33 aulas por semana. De história. E eu tenho 20 anos que eu dou aula de história. Eu já tô aposentando no Estado, Graças a Deus.

AP: É o seguinte, P2. Como e quando percebeu a importância de utilizar o programa da TV Escola?

P2: Quando? Nossa... Tem muito tempo! Noventa e... Ah, não tenho nem idéia! 96. Foi quando iniciou. 96, 97. Deve ser por aí. Foi quando começou. Porque eu sempre achei que não tem como trabalhar história sem ajuda da televisão. É... filme, né... Principalmente a televisão. A Globo nos ajuda muito. Tem hora que com estas minisséries... Tem hora que não. Aqui ela delira muito. Hoje mesmo eu tava falando na 8ª série... É... que tem muita mentira, né, no que as minisséries que são feitas. Mas aí eles sabem que tem que apelar pro lado sexual, pro lado da... do exagero...porque senão não tem audiência. Então a gente vai corrigindo com o aluno. Eles perguntam muito: 'e aí, professora, e aquilo é verdade?' Nessa que estava passando agora, 'Um só coração'... Então eles assistiam, enlouqueciam pra saber o que que era verdade, o que que era mentira... E a gente vai corrigindo aquilo que a Globo viaja, né... Mas não tem como, e mesmo a TVE tem muito programa bom. Mesmo filme, assim, independente do TV Escola. Hoje mesmo eu passei na locadora pra saber qual filme que tinha pra eu usar na 5ª série sobre o Egito. Porque a 5ª série, não adianta eu passar um filme didático que eles não tão nem aí... Eles não vão prestar atenção em nada. Então tem que ser um filme que desperta a atenção deles. Aí eu pensei no Indiana Jones, que tem um que é filmado no Egito. Mas o cara da locadora falou comigo que tem um desenho que é lindo. Justamente o que vou trazer pra eles. Chama parece 'O príncipe do Egito', um negócio assim. Então é assim. Então a gente não pode ficar apegada ao livro porque aqui, por exemplo, não tem livro didático. Então, agora, tem um aqui, que a TV Escola tem ele. A TV Escola tem um igualzinho. Até o modo de escrever, a TV Escola tem igualzinho. O ciclo do ouro, tá vendo? Então a TV escola tem esse aí com estas mesmas características, caracteres direitinho.

AP: A senhora pega, grava os filmes, os programas da TV Escola?

P2: Não. Não, pego na superintendência. Pro Estado eu pego lá. Superintendência tem aquele acervo todinho. A secretária, a bibliotecária pega, traz, eu uso, tem que fazer o relatório, tem que fazer o objetivo... Aquele enjoamento todo. Mas a escola também grava! Lá, aqui também grava. A Escola, quando tem programa, que eu falo: 'Oh, vai ter programa aí...' O SBT agora vai passar um sobre a Segunda Guerra. Aí a Escola mesmo é que grava. Porque é bom da televisão é que a televisão corta aquelas partes enjoadas, repetitivas, e tira os comerciais... O resto é em locadora, gastando dinheiro... Porque a TV Escola, tô te falando: tem este problema. O acervo dela é muito usado. Então tem filme que não usa. Tá muito já usado, muito fraquinho, a cor já sumiu... Mas tem que ser, porque senão não tem jeito não.

Porque aqueles meninos, eles acham que história é só o passado. Então, tem que trazer a história sempre pra vida deles, pra... Hoje mesmo eu tava falando sobre Getúlio Vargas. E eles ficaram encantados, achando que Getúlio Vargas foi o melhor presidente do mundo. Aí: 'não... De jeito nenhum!' 'Ah, mas qual que foi o melhor?' 'Não... Deixa que no final do ano a gente vai ver... Não tem um melhor, tem aquele que...' Eles gostam quando desperta assim a atenção deles, né, mas... Agora, tem filme que eu às vezes ligo, né, tem os livros didáticos sempre têm no final de cada unidade, tem um telefone, uma coisa, uma fundação, que de vez em quando me dá uns presentinhos. Aí, é meu, né! Aí eu fico pra mim! Eu tenho Machu Picchu, eu tenho muito Globo Repórter que eu gravo, eu tenho Carlota Joaquina... Tudo isso a TV Escola tem! Mas eu tenho como meu. Como meu arquivo porque chego lá e às vezes não tem. Nossa, lá na Secretaria de Educação então... Lá no Centro de Formação do Professor, tem uma lista. E a gente coloca... Nossa já até cansei! Até chegar a sua vez, você tem que ficar numa fila pra pegar filme, que o acervo é muito pequeno... Agora, a TV Escola, a dificuldade é só essa: porque tem que ter uma pessoa pra ir lá buscar o filme, tem que preencher uma ficha e muitas vezes você nem tempo tem... Mas eu tentei fazer um curso. Eu tenho... A superintendência ia dar um curso pra nós sobre o TV Escola. Até umas amigas minhas fizeram, gostaram muito... Agora o Aécio cortou... Não sei porque! Eu tenho o material. Inclusive, se for do seu interesse... Eu recebi um material. Uns livro vermelho...Tudo da TV Escola! Pois é... Mas o curso, ele não deixou acontecer. Então, eu liguei pra lá muitas vezes, mas cortou. Então pra professor, não teve mais não.

AP: P2, como que a senhora percebe o aproveitamento do aluno na disciplina? No que que o TV Escola contribui pra ensinar algum assunto, transmitir algum conhecimento?

P2: Ah, com certeza, é tudo! Na história, por exemplo, ele vê, eu passo pra ele os conceitos, o conhecimento, a didática, o que aconteceu... E ele, no filme, ele vai ver ali a roupa da época. Porque o que identifica o período é a roupa. Somente. Então, esta novela das 18h, por exemplo, que época? Você vê direitinho pelo modo de vestir, pelo modo de usar o chapéu. Você se situa no tempo de acordo com a roupa. E eles... E eu paro o filme... Porque a gente não tem dinheiro. A locadora tá cobrando três reais. Como é que eu vou alugar um filme dois dias? Porque num dia só não dá pra passar, entendeu? A ajuda da TV Escola é mais aí. É... Um dia só não dá porque eu tenho uma aula em cada turma. Então eu preciso de dois dias. Eu pego o filme hoje. Vou usar hoje e amanhã. Vou devolver depois de amanhã. Ele me cobra duas

vezes! Então, é cinco reais, seis reais... O DVD é mais barato, mas nem toda escola tem... O TV Escola nos ajuda neste sentido. Agora, a TV Escola, tô te falando. Não sei porque que não... Que tava tão incentivada antes, nós tínhamos curso, como lidar com ela, o pessoal fez... Quando chegou minha vez de fazer, eu me inscrevi, eu recebi o material, e o Aécio cortou.

AP: E o que que você acha que deveria... No que deveria ser mudado o TV Escola?

P2: Eu não tive o acesso ao... à didática da TV Escola porque quando chegou a minha vez, eu não fiz o curso. Então eu não sei como que funciona, assim... Que tem o livro, tem, né... Mas quando chegou a minha vez de curso, de fazer o curso.. Agora, seria alguém que fez o curso que falaria mais assim, sobre a TV Escola em si, mesmo, assim.

Os programas são ótimos... Aquele livrinho lá, que eu selecionava aquilo que eu queria... Igual eu tô te falando: a dificuldade é porque o acervo é muito pequeno. Muitas vezes eu ia lá procurar um filme e não tinha... Mas... Muito bom. Muito bom. Agora, não devia ter acabado, né...

AP: Como que a senhora percebe o aproveitamento do aluno a partir do momento que põe a TV Escola?

P2: Ele...Principalmente quando a comunidade é mais carente, eu acho que muitos nem vídeo em casa não têm. É uma coisa diferente. A 5ª série eu tô com um problema com eles. Eu passei dois filmes pra eles, eles não sabem ouvir, não sabem escutar, não sabem assistir. Porque eles acham que filme é só pra brincar, só de lazer. Então eles não estão acostumados a ver filme didático. Então, eu tô assim...Não sei! Eu falei que eu não vou mais passar filme mais pra eles. Mas eu tenho que passar. Aí, a TV Escola ajuda neste sentido. Porque ela tem aqueles filmes mais curtinhos, que não fica aluno da 5ª série... Aquele tempo, aqueles 50 minutos... Então, aquele... Eu lembro que tinha uns que... Nossa, tem tanto tempo isso... Que eu usava na 6ª série... Que era de minutos. 10 minutos. Aí vinha outras turmas. Então, esse também, pra essas turmas, menorzinho, eu acho que funciona muito mais do que aqueles documentários, aqueles mais assim, mais didáticos. Um documentário pra 5ª e 6ª série, não funciona.

AP: A senhora falou de lazer. Dos alunos assistirem os filmes por lazer. O que a senhora considera o TV Escola: um instrumento de ilustração do conteúdo ou um instrumento de reflexão, um instrumento pra gerar crítica e conhecimento?

P2: "Um instrumento pra gerar crítica e conhecimento. Porque lazer é importante sim. O lazer é importante sim. Mas quando eu passo o filme para lazer, é uma coisa. Não tem problema.

Eu acho que o lazer é super importante. Agora, quando é pra acrescentar, pra refletir, acrescentar o conteúdo, afixar o conteúdo... Aí é outra coisa!

AP: E a senhora percebe que depois do TV Escola, os alunos dispararam a discussão em sala de aula?

P2: Ah, sim! Eles perguntam até: 'por que tão pequeno? Por que esse pessoal faz um vídeo tão pequeno?' Justamente pra dar, de repente, a oportunidade deles pararem e refletir, né...

AP: E a senhora também percebe que, a partir do momento que foi implementado na sala de aula, a senhora percebeu que eles passaram a utilizar outros meios audiovisuais nas atividades, nos trabalhos?

P2: "Ah, tá. Tá porque antes não tinha disso não. Antes era só o giz e pronto, acabou. Porque ninguém se preocupava em montar filme didático, ajudar professor não. "

AP: Eu não sei como é a sua turma aqui, mas geralmente tem muita diferença de um aluno pro outro, na mesma sala de aula, diferença sociocultural, faixa etária... Como a senhora planeja uma aula, sabendo que vai passar um mesmo vídeo pra alunos tão diferentes que estão numa mesma turma?

P2: "Com certeza. Principalmente aqui, que tem misturado adultos, à noite né, com adolescentes. É uma dificuldade realmente, porque o adolescente, ele, tudo pra ele lazer. É como se tudo pra ele: a escola, a própria parte física é como se fosse um clube... Quando é uma área assim, mais carente, que ele não tem aonde ir, ele vem à escola pra passear! É comum. Você vê: eles não faltam de aula! Como não têm nada pra fazer, eles vêm pra escola. Agora, o adulto não. O adulto vem pra adquirir conhecimento. Recuperar o tempo que ele perdeu na adolescência. Então, a dificuldade é essa. Mas, eles... mas não dá problema não. Eu nunca tive problema de disciplina porque eu trato o meu aluno igual ao meu filho. Eu tenho um filho de 24 anos, tenho uma filha de 20 e trato eles igualzinho meus filhos. Se precisa de dar uma bronca, eu dou. Se precisa de elogiar, escrever no caderno 'parabéns, você aprendeu', também eu faço, porque eles gostam. Mas quando precisa de chamar a atenção na dura, eu chamo também. Porque é assim que eu faço com meus filhos. Então, eles me tratam muito bem, com muito respeito, com uma certa intimidade, me abraçam, me chamam até de mãe... às vezes me chamam de Mãe Loira por causa do negócio do funk que tem aí no Rio de Janeiro, que tem uma mulher que é dona de uns funk. E eles adoram funk! E gritam na rua! Tudo isso eu acho ótimo! E trato eles como meus filhos mesmo porque eu acho que não há

diferença. Não há diferença nenhuma no meu aluno e no meu filho. Meu filho teve mais oportunidade porque eu tenho aluno mais velho que meu filho na 8ª série. Meu filho com 24 anos já fez faculdade, já trabalha na Vale do Rio Doce... Então teve uma melhor chance, né. Mas nada, nada diferente. Não tenho problema não. Às vezes eu paro. Paro o filme. 'Oh, então vão parar. Vocês tão conversando. Vamos ver qual é o assunto. Você fala, depois eu continuo. Porque é ao mesmo tempo!' Então, eu desarmo eles sem gritar, sem chamar a atenção. E dou risada, me divirto! Eu falo que no dia que eu me aposentar, não sei o que vou fazer da minha vida. Quer dizer, eu tô dentro do ônibus, lembro de coisas e dou risadas! Porque eu acho que é uma injeção de ânimo, de jovialidade, de criatividade...Porque tenho aluno desde 5ª série até um senhor de...deve ter o que? Roberto deve ter o que? Deve ter uns 34 anos... À noite é isso, né... À noite varia de 13... Não! De 16, da 8ªsérie, até ele que é um senhor. Mas não tem problema não! Nunca tive. Já trabalhei nestas periferia, na prefeitura...Né, no Estado não. Sempre em Santa Luzia, no Duque de Caxias, que eu moro ali. Depois fui pra Santa Luzia. Mas na prefeitura, cada ano eu tô numa periferia mais brava que a outra. Não tem problema não!

AP: P2, como você percebe os colegas aqui da Escola, os outros professores... Eles fazem o uso do TV Escola?

P2: Não sei... Sinceramente. Que eu comecei aqui esse ano só. E nós começamos já entrando em greve, né. À tarde tá todo mundo de greve. E então, não tive, sinceramente... Usam sim a televisão, que nós temos uma salinha só de televisão. Assim, uma sala de aula onde tem o vídeo e a televisão. E tem outra aqui na biblioteca. Eu percebo então que usa. Agora não sei se é o TV Escola ou se é independente, né.

AP: Como é o uso da senhora? A senhora julgaria freqüente? Usa pouco o TV Escola?

P2: Não... freqüente também não porque... com uma certa freqüência, vou dizer assim. Pela dificuldade dessa jornada de trabalho minha: trabalho de manhã e à tarde e à noite aqui. Às vezes nem tenho tempo de ir lá, e pedir, e pegar aquele livrinho e ver.. Tô precisando fazer isso. É isso!

### 9.3- *Entrevista com a professora P3*

**P3:** professora de uso de biblioteca e de 1ª a 4ª série. Ambas funções em escola do Estado (E2). Segundo professoras P2, P3 e P4, a maioria utiliza os programas do TV Escola nas atividades didáticas da escola E1. Enquanto professora de uso de biblioteca, costuma gravar os programas transmitidos pelo

TV Escola, de acordo com a solicitação dos colegas. Porém, a parabólica está com problemas.

P3: Estava com problema o ... a antena parabólica, né. Então ficou de ser arrumada, mas a gente não começou a gravar ainda. Nós não recebemos ainda o catálogo desse ano ainda. Ainda não foi passado pra mim o catálogo não. A gente usa assim: já foi gravado vários vídeos, nós temos ali uma coleção de vídeos do TV Escola, os professores usam todos conteúdos, ciências, história, geografia... E é de grande proveito para os alunos.

É assim: um estudo complementar, né. O professor trabalha o conteúdo, depois os alunos vêm ver os filmes de acordo com o que eles estudaram e têm tirado grande proveito disso.

AP: Você trabalha aqui na escola na parte de biblioteca mesmo?

P3: Não... Eu sou professora de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série. Eu trabalho com a 1<sup>a</sup> série... Este ano estou com a 1<sup>a</sup> série. E biblioteca.

AP: Você trabalha em dois turnos?

P3: Dois turnos. Trabalho de manhã e tarde.

AP: E você usa o TV Escola como bibliotecária ou como professora de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup>?

P3: Eu uso como professora de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série. Como esse ano eu estou na 1<sup>a</sup> série, eu uso esses vídeos mais simples, né, de acordo com o nível das crianças. E... Como bibliotecária também. Quando tem que fazer algum trabalho com determinados alunos, eu utilizo também os vídeos do TV Escola.

AP: E como é esse trabalho com alunos de outras turmas?

P3: Olha, de 5<sup>a</sup>, é... Vão ser: 601, 702 e 701, eu estou desenvolvendo um trabalho junto com a professora de português. Então nós elaboramos assim: livres projetos de acordo com o PDE da Escola - Plano Pedagógico da Escola. Agora, por exemplo, na semana do Meio Ambiente, nós desenvolvemos, trabalhamos aquele filme "A ilha das flores" e a poesia "É o bicho". Então... os meninos estão fazendo um trabalho sobre esse filme e a poesia. E fazendo um paralelo entre a poesia. E fazendo um paralelo entre a poesia e o filme. E dando sugestões de modificações daquela situação. Você conhece o filme "A ilha das flores"?

AP: Conheço.

P3: Pois é... É uma situação de pobreza, né, muito grande. E eles então aproveitam pra analisar a situação social de

determinadas comunidades. E faz um paralelo entre a comunidade que eles viram no filme. Se há alguma coisa assim dentro da realidade deles... E dão uma série de sugestões também pra... o que deve ser feito pra melhorar esta situação...

AP: Este filme você pegou foi no TV Escola?

P3: Foi da... na Superintendência. Mas eu acho que ele é... Não me lembro não...Mas... Não tenho certeza se esse é do TV Escola não...

AP: Não é uma produção do TV Escola não... mas eu não sei se o TV Escola disponibiliza pros professores.

P3: Não... esse foi pego na Superintendência. Acho que é do Banco... Não sei se é do Banco Mercantil... Não me lembro. Sei que é uma promoção. Não sei se é do Itaú ou se é do Mercantil. Um dos dois. Não me lembro bem.

AP: E com seus alunos de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup>?

P3: De 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup>? A 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> eu usei muito os vídeos do Procap, principalmente na área de português, e o TV Escola eu também eu uso agora. Alguns a respeito de ciências, história... E mesmo português. Matemática, adição e subtração... Nós temos alguns gravados ali de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série. Ajuda bem.

AP: Você usa sempre o vídeo do TV Escola?

P3: Olha, essa semana, com esse problema do Meio Ambiente, a gente tá muito...trabalhando muito esta questão... Tá mais voltado pro Meio Ambiente, a gente usa sim os que tem aí, sabe? Mas, fora disso, a gente usa sempre. Principalmente na questão de adição e subtração, os fatos fundamentais, o próprio português, historinhas pra eles interpretarem, histórias lidas e contadas, desenhos e filmes... Isso na 1<sup>a</sup> série, né. 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> série já pode aprofundar mais as atividades. 1<sup>a</sup> série são atividades assim, mais de oralidade, de desenho, a questão da dramatização...

AP: Há quanto tempo você trabalha nesta escola?

P3: Nessa escola, aqui, desde 85. Vai fazer mais ou menos 19 anos.

AP: Você tem quantos anos de serviço?

P3: Vou aposentar ano que vem. 25 anos completo ano que vem, em julho.

AP: E você usa os vídeos desde quando?

P3: "Ah, tem... Desde 96, 97... Por aí. Que a biblioteca foi disponibilizada. Começou a fazer um trabalho assim: vem pessoas aqui pra atender. Que quando eu estou aqui, como professora de uso de biblioteca, eu atendo os professores.

Agora, quando eu estou em sala, o professor que está aqui é que me atende.

AP: Mas aqui na biblioteca, seu trabalho é mais voltado pra videoteca ou...

P3: Não...a Biblioteca desempenha...Ela tem várias funções. Aí tem a questão da pesquisa... Nós trabalhamos com a pesquisa, nós trabalhamos com biblioteca, nós trabalhamos com a leitura...Tem várias atividades, nossa senhora!

AP: Tem muitos vídeos arquivados aqui?

P3: Tem, temos bastante vídeos arquivados aqui. E a maioria deles é do TV Escola. Posso até te mostrar.

Nós temos toda essa parte aqui. E essa parte são vídeos gravados do TV Escola. Então tem vários assuntos, né.

AP: São quantas fitas mais ou menos?

P3: Ah... Mas tem mais de 100 fitas. Umas cento e poucas fitas. Agora, que está aqui em condições de uso, nós temos mais ou menos umas cinquenta e poucas fitas.

AP: Por quê? As outras perderam a qualidade?

P3: Não, não perderam. Mas... São menos usadas e algumas foram emprestadas...e eu não sei o que aconteceu porque esse ano que estou aqui, entendeu? Então eu fiz um levantamento. Nós temos um catálogo...

AP: E a maioria dos vídeos aqui são de que área?

P3: Todas as áreas.

AP: Tem interdisciplinaredade? Muita fita que dá pra usar em duas, três matérias?

P3: Tem...Quase todas elas dá pra trabalhar com interdisciplinaridade.

AP: Os professores aqui usam assim?

P3: Alguns. Não são todos não. A biblioteca é muito usada. Essa questão... Aqui ó: Nós temos aqui Um Salto para o Futuro também nós temos. TV Escola, Um Salto para o Futuro, e tem várias... Então todos os assuntos têm: ciências, história, geografia, ética, português... Todos eles têm disponíveis, tá? Aqui, ó: adição, subtração, multiplicação... Todos em períodos curtos. No máximo 15 minutos, 27 minutos...

AP: Os alunos preferem qual tipo de filme? Os mais longos, os mais curtos...

P3: Olha, os alunos de... na faixa de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série, 2<sup>o</sup> grau, os filmes mais longos. Os de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série, os filmes menores, de curta duração, assim: 20 minutos, no máximo 50

minutos. Mais eles não agüentam. É a questão da.. período de atenção deles que é muito curto. Eles não conseguem assim, se prender muito, por muito tempo não... A não ser que o filme seja assim, de muito interesse pra eles. Normalmente, as pessoas, os professores já colocam o filme de acordo com a área de interesse dos alunos. Mas... As turmas de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> série... Os períodos dos filmes são mesmo períodos mais curtos.

AP: E você, como professora e bibliotecária...

P3: Não, eu sou professora de uso de biblioteca. Bibliotecária eu não sou. Não tenho curso específico, tá?

AP: Como você vê a importância do uso?

P3: Muito importante. Porque ajudam a desenvolver a criatividade. Dá a ele condições de oralidade, dele falar, dele poder falar, dele poder criar, recriar em cima do que ele viu... Eu acho muito produtivo. Sabendo trabalhar, é muito produtivo.

AP: Como você percebeu esta importância? Faz falta?

P3: Nossa, é importantíssimo! Principalmente em português, né! A questão da comunicação...

AP: Melhorou?

P3: Nossa, melhorou demais! Melhora muito a leitura, a escrita... Principalmente na área de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série. Porque a gente pode trabalhar os filmes, trabalhar teatro, trabalhar a poesia... Nós trabalhamos muito a poesia...

AP: Vocês só usam os vídeos do TV Escola ou vocês utilizam outros gêneros?

P3: Não, nós utilizamos outros tipos de vídeos também.

AP: Por exemplo?

P3: Na área de história, por exemplo, filme direcionado pra aquele conteúdo que a professora está trabalhando. Aqui passa muito. Por exemplo: um filme que eles gostaram muito chama "O Pianista", relacionado à 2<sup>a</sup> Guerra Mundial. "Canudos", "O Pianista", "O Patriota"... Tem vários filmes!

AP: Em relação ao TV Escola, você acha que tem alguma crítica a ser feita? Algum defeito, alguma qualidade que se destaque?

P3: Eu, praticamente, eu não acho, não vejo defeito não. Pelo contrário. Eu acho produtivo assim, produtivo. Ele é muito produtivo, mais pra área de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série.

AP: Parece que a receptividade aqui no colégio é muito boa, né. Os professores aqui, em geral, eles usam?

P3: Usam. Usam sim. Aqui a biblioteca é muito usada. Porque o vídeo fica aqui.

AP: São quantos professores mais ou menos que usam?

P3: Ah, quase todos eles usam. Quase todos os professores. Quase todos porque são vários conteúdos e todos os conteúdos são trabalhados.

AP: Até Educação Física?

P3: Também. Educação física também. De vez em quando ela traz os alunos pra assistir filme, né.

AP: Eles assistem os filmes aqui então, na biblioteca?

P3: Tem. Alguns eles trazem de casa. Outros... Aliás, trazem, alugam, né... Os professores alugam. E outros são daqui.

AP: Mas eles trazem os alunos aqui pra biblioteca?

P3: Pra biblioteca. Aqui que fica o vídeo, né!

AP: E como que você fazia... Você não, né, porque parece que você começou a trabalhar depois aqui na biblioteca. Pra gravar os vídeos vídeos, grava no horário de...

P3: "Os vídeos eram, eu lembro, eram gravados em horários específicos. Naquele horário, tinha um horário, como nós temos ainda, um horário pronto aí. Pra biblioteca, de uso de biblioteca. E esse horário era específico só pra gravação. Nós temos um horário pra gravação, nós temos um horário pra atender os professores com vídeo, nós temos um horário pra leitura... Sem horário não tem como funcionar, né, direito.

AP: Os alunos também têm a liberdade de pegar algum vídeo emprestado?

P3: Não, os vídeos não. Só livros.

AP: Mas eles demonstram interesse?

P3: Demonstram, mas sempre vêm com os professores. E nunca sozinhos.

AP: Por exemplo: pedem de vez em quando alguma coisa, algum material, um vídeo... Pra algum trabalho que eles estão apresentando em sala de aula... Os alunos às vezes eles usam algum tipo de filme também?

P3: Não, aí os professores é que usam. É que pedem pra fazer o levantamento dos filmes que eles vão precisar... Os alunos não. Os alunos só fazem os trabalhos relacionados ao que os professores pedem.

AP: Como você vê o aproveitamento dos alunos quando usam o vídeo, se comparar com os alunos que não...

P3: O aproveitamento é sempre bom. Porque eles crescem muito com isso. Eles têm a liberdade de analisar, né. Eles têm a oportunidade pra analisar, pra debater, pra conversar... Porque o professor sempre faz um trabalho com filme. Ele nunca passa um filme assim, só por passar. Em cima daquele filme existe um planejamento. E ali o aluno tem a oportunidade de dar sua opinião, de fazer um paralelo entre uma situação e outra...

AP: E você acha que isso, pros alunos, alguns deles podem considerar isso só uma atividade de lazer, ou o professor pode considerar isso só como um recurso ilustrativo pra matéria? Ou não? Você acha que o professor pode usar isso pra... Usa a televisão como trabalho pra desenvolver uma crítica em relação aos meios de comunicação?

P3: Eles usam o trabalho com o vídeo pra desenvolver crítica, uma análise, uma comparação... E pros alunos terem também uma oportunidade de criar de acordo com o que eles viram. Com o que eles assistiram, o filme que eles assistiram.

AP: Tem algum tipo de trabalho antes de trabalhar antes de apresentar o vídeo como, por exemplo, o professor vir aqui, assistir o vídeo antes, pensar se a turma vai ter uma boa receptividade?

P3: É tudo programado, tá. De acordo com o conteúdo que ele está trabalhando, se o filme é... Se há a oportunidade deles assistirem o filme antes de trabalhar o conteúdo. Isso depende do professor: ou antes, ou durante, ou no final como complementação do trabalho dele... Isso aí varia muito. Esse de hoje, por exemplo, foi antes de um conteúdo. Eles assistiram o filme pra entrar num determinado conteúdo.

AP: Esse de hoje era de quê?

P3: É... sobre a situação da adolescência. Comportamentos.

AP: E a aula era de que?

P3: Afetivo e Sexual.

AP: Qual que era a disciplina?!

P3: Afetivo e Sexual! É nova. Era Educação Sexual. Agora não é mais, né. É Afetivo e Sexual.

AP: Os alunos que estavam ali fora, todos eram da sala?

P3: Não, só os que estavam aqui. 5ª série.

AP: É que tinham alguns alunos ali fora no pátio...

P3: É... Mas aqueles que estavam assistindo o filme eram alunos da 5ª série.

AP: Eles assistem, têm interesse... Ou você nota muita diferença: um aluno gosta, mas o outro nem presta atenção...

P3: Olha, o de hoje eles tiveram muito interesse, né, porque envolvia Aids, envolvia droga, envolvia sexo... Então tá dentro da realidade deles, né.

AP: Era do TV Escola esse?

P3: Não, esse não.

AP: Era um filme?

P3: Era um filme. Acho que é o "Kids".

AP: Eu estava vendo essa turma de 5ª série. Alguns alunos são mais velhos, outros são mais novos ainda... Principalmente à noite, né!

P3: É, a faixa etária varia bastante. Varia muito.

AP: E como você faz pra preparar uma aula, usando um vídeo, pensando que um aluno pode gostar, o outro não gostar, adaptar isso...

P3: Ah, isso aí é o professor que faz a adaptação, né. Eu não tenho como te falar isso porque ele é que é o regente da turma... E ele é que sabe como lidar com isso.

AP: Mas e você, quando vai dar aula pra sua turma, você escolhe um vídeo como?

P3: Ah, mas o meu é simples, né. Esse ano, por exemplo, eu estou com 1ª série. Então eu tenho que escolher um vídeo de acordo com os interesses deles.

AP: E como que é?

P3: De pequena duração, não muito longo, dentro da fantasia deles... Entendeu? Dos interesses deles...

AP: Já aconteceu algum caso deles não...

P3: Já. Já aconteceu sim, deles não interessarem.

AP: Como que foi?

P3: Aí começa, né... Um conversa, o outro conversa, né, o outro brinca... Aí a gente tem que mudar essa situação. Tem que mudar a atividade, né! Aí, quando começa a dispersar muito, não está sendo do interesse deles, a gente tem que mudar a atividade, senão não resolve. Vai ficar naquilo ali a vida toda, o período todo? Não tem como...

AP: Em relação aos alunos, você acha que eles começaram a ter mais interesse na aula?

P3: Eles gostam muito de assistir filme, eles gostam muito da biblioteca, é muito usada, eles gostam muito de leitura, literatura... A biblioteca é muito usada aqui!

AP: Entre os alunos de que série?

P3: Todas as séries. Todas. Até 2º grau. Muito procurada pra pesquisa, muito usada...Eles fazem bastante pesquisa. E lêem muito. Os professores de português trabalham muito leitura. Não só leitura interpretativa, mas nas suas variáveis, né. Eles trabalham teatro, eles trabalham a propaganda, eles trabalham os anúncios... Eles trabalham, eles fazem vários tipos de atividades. Então é isso.

AP: Você dá aula de quais disciplinas?

P3: Eu trabalho com português, matemática, história, geografia e ciências.

AP: E pra quais disciplinas você acha que o uso do vídeo é mais importante?

P3: Todos eles são úteis. Todos eles. Só que a gente não usa sempre, né... uma vez por semana, de quinze em quinze dias... Mas eu sempre uso assim: quando eu vou trabalhar, por exemplo, teatro, produção de texto, quando vou trabalhar com história...

AP: Mais narrativa que você usa com as crianças? Qual o tipo de vídeo do TV Escola com as crianças? É mais lúdico?

P3: "Varia. Mais lúdico. Porque tá na faixa da idade. É por causa da faixa de idade deles. Eles tão mais ainda na faixa do concreto, né, na fase do concreto, na fase da imaginação, da fantasia... Então tem que ser o lúdico. Senão não... Eles só aprendem através do lúdico. Principalmente a 1ª série. Aprender brincando porque se for só conteúdo, conteúdo, eles não conseguem aprender não. Não tem nem como.

AP: Quando você começou a introduzir o TV Escola ou outro tipo de vídeo aqui na Escola, nessa escola? Foi alguém que te falou "usa que é bom..."?

P3: Não... Vem uns catálogos, eles mandam pra escolas, nas reuniões de biblioteca também eles falam...

AP: Antes do TV Escola você não usava não?

P3: Usava sim. É porque aqui, em 95, 96, tinha uma pessoa, o professor de uso de biblioteca. Depois veio, ficou um período sem, depois voltou... Aí voltou por um determinado período antes de vencer o período letivo, acho que trocou, mudou, ficou um período sem... Entendeu? Então é muito complicado. Agora com a volta do Ciclo Inicial de Alfabetização, é que eles tão priorizando as bibliotecas. Então estamos começando tudo agora, de uma forma geral, vai ser investido agora. Está

se começando a investir agora no uso da biblioteca, no uso do vídeo...

AP: Antes eram usados quais tipos de vídeo, antes do TV Escola?

P3: Ah, eu não me lembro porque quase não era usada a biblioteca antes... Só depois que começou, depois que eles colocaram professores de uso de biblioteca é que está sendo mais usado.

AP: Mas já tinha vídeo aqui?

P3: Já... já tinha vídeo.

AP: Parabólica já tinha?

P3: Já... Há muito tempo.

AP: A Escola ganhou o Kit tecnológico que a TV Escola dá ou...

P3: Isso é eu não sei te falar. Se foi ganho ou se foi comprado. Porque não foi no período, não sei se foi no período, não me lembro qual diretora que foi. Não sei te falar se foi comprado pela escola ou se foi ganho o Kit."

AP: Você fez aquele curso TV Escola?

P3: Não...não fiz...

AP: Alguém aqui da Escola fez?

P3: Não sei te dizer não. Mas se fez, eu acho que nem aqui está mais. Já aposentou. Na época era a Vera que trabalhava aqui, a Maria do Carmo... Eu não sei te dizer pra ser sincera não... Sei que foi gravado. Todas estas fitas de vídeo aí foram gravadas aqui na escola.

AP: Mas e agora que não está funcionando mais, que não está pegando mais?

P3: Esse ano não. Esse ano nós não trabalhamos com o TV Escola ainda não. Primeiro porque a parabólica estava com problemas, né. E agora veio essa fase de desenvolvimento do Meio Ambiente, esse problema todo, e a gente tá muito envolvida com isso tudo. Ainda não deu pra gravar não. Aí nós vamos voltar a usar. Voltar a usar.

AP: Quais disciplinas que mais usam o TV Escola?

P3: Português e história.

AP: Por quê? Estas disciplinas pedem mais este tipo de material?

P3: Eu acredito que todas as disciplinas, né, dá pra trabalhar com vídeos. Mas aqui o que mais é usado, o que mais

usa mesmo é história, português, geografia tem usado uma vez ou outra...

AP: E a maioria dos vídeos que eles usam, de geografia, por exemplo, são vídeos que falam do Brasil...

P3: Dentro do conteúdo que eles trabalham. 7ª série é um conteúdo, 8ª série é outro... Dentro do conteúdo que eles trabalham. Mas aí eu não sei te dizer especificamente o que se trabalha no 2º grau porque a minha área é 1ª a 4ª série, aí eu sei te falar. Mas de 5ª a 8ª, de 6ª a 8ª... Mas é história do Brasil, história geral... No 2º grau acho que estuda história Geral.

AP: São quantos professores aqui?

P3: 60 profissionais. Quase todos eles usam o TV Escola.

AP: Mas qual seria o motivo de não estar usando o TV Escola?

P3: Olha, o motivo mesmo eu não sei não. Falta de tempo, com certeza, né, pra organizar...

#### 9.4- *Entrevista com professora P4*

**P4:** professora de história e geografia em escola do Estado (E2) e em duas escolas Municipais. Utiliza materiais audiovisuais com muita frequência.

AP: P4, você usa sempre o TV Escola?

P4: Uso, eu gravo, né. Porque nós temos a programação e dentro da minha necessidade, eu vou gravando. Isso pra mim facilita muito.

AP: Você grava em casa ou grava aqui no colégio?

P4: Em casa.

AP: Em casa. E traz os programas e aplica...

P4: E aplico eles na minha disciplina, que é história, né. Então, dentro de.. tem desenho, tem filmes, tem ótimos documentários, muito bons documentários... Agora tem até... Como é que chama? Tem uma... eu esqueci...que tinha uns meninos fazendo pergunta e tal... Tô doida pra ter tempo. O problema nosso é tempo, né, de você escolher, ver direitinho como é que é... Mas eu achei muito interessante. Os meninos... A partir das dúvidas dos meninos é que eles vão desenvolvendo o programa. Ligue Escola? Acho que é Ligue Escola, um negócio assim. Mas a programação é boa, varia de acordo com o programa...Isso nos facilita. Eu gosto muito assim, de variar o máximo, entendeu? E não fico só na TV

Escola, é claro! Então tenho documentários da Globo, do SBT, da Record, da... até da Rede Vida também eu pego muito: teve um documentário recente aí do Juscelino Kubitschek excelente! E... que a meninada não pode, né, não pode ficar só... Nem pra gente também, senão a aula fica monótona, não rende, você fica chateada...aí não dá! Isso que eu procuro fazer.

AP: Você dá aula de qual série?

P4: 5ª a 8ª.

AP: Quantos turnos você trabalha?

P4: Aqui são 6.

AP: Como é? De manhã, à tarde, à noite?

P4: À tarde... tarde e noite.

AP: Tarde e noite aqui?

P4: É, hoje por exemplo, tem uma aula à noite só aqui. Que daí depois eu vou pra prefeitura, né, que eu tenho aula até as 22h30.

AP: E tem quanto tempo que você trabalha aqui nessa escola?

P4: Ah... Aqui deve ter uns 15 anos... Ah, deve ser. Já tenho 27 anos de casa já! (risos) Tô velha! Tô falando que meu cabelo tá branco já! Quinze anos! É... Eu gosto daqui, eu gosto muito, sabe? Os meninos... Porque aí você conhece a mãe, a tia, a avó, não sei quem... E eu moro no bairro, né! Então conhece todo mundo! E a gente vê a escola passando por várias transformações, né...

AP: E há quanto tempo você usa o TV Escola?

P4: Olha, desde que começou, sabe por quê? Antes até mesmo de instalarem aqui a parabólica. Porque nós tivemos uma época que havia... agora voltou, né, a bibliotecária então... Elas gravavam os programas que a gente marcava. Aí nós trazíamos os meninos pra cá e aqui fazia toda uma programação. Depois o governo tirou, nós ficamos em casa e eu acostumei a deixar em casa, fazer a gravação.

AP: Então você grava em casa pelo costume mesmo, né... A princípio foi pela necessidade...

P4: Pela qualidade, sabe? Apesar de que, eu tenho observado o seguinte: eles têm que começar a cair mais em cima do pré, sabe? Porque...Eu não sei...Eu tô ainda em estudo esta minha análise. Mas eu tô achando que o pré tá saindo muito fora do que a meninada precisa. Eles estão... Alfabetizam os pobrecoitado de seis, cinco anos! Quer dizer, quando chegam no ginásio, os meninos já estão cansados de ver aquilo porque queimaram etapa. Então eu acho que a TV Escola podia cair em

cima de atividades pra desenvolver coordenação motora, né... E de primeiro, nós fazíamos... Eu dava tanta aula de sala especial... Mas eu fazia... Eu lembro que eu dava aula em sala especial e eu fazia caixinhas assim: de um lado eu punha botões pros meninos aprenderem, do outro lado cadarço, do outro "feicho", né, um dado! Eu fiz, eu cheguei a fazer! E a meninada de hoje, coitadinhos, tão perdido! E os professores também! Porque a dona do colégio precisa sobreviver, precisa do dinheiro, há os pais que querem falar pra todos 'que o meu filho com 6 anos já sabe ler e escrever'.... Isso é bom! É o orgulho pra qualquer pai! Pensa eles, né, isso é entre aspas porque claro que não! Cada um tem seu limite e tudo mais. Mas eu acho que a TV Escola podia pensar um pouquinho nesse pessoal: do pré. Sabe? Desde já.

AP: Quais outras críticas você tem pra sua disciplina, principalmente, em relação ao TV Escola?

P4: Sabe o que eu gostaria mais, assim? Porque eu fico... gente, eu sou maluca, cara! Nossa.... Às vezes eu fico com o controle lá no dia, na tarde que eu tenho tempo, porque eu tenho um folga, né! Terça e Sexta eu tenho folga à tarde e nas férias, agora também que eu entro de férias na Prefeitura, então eu vou ter mais tempo. Então eu fico com o controle pra lá e pra cá! Pegou um filme! Então eu acho assim: o filme chama muito a atenção dos meninos. Então, se tivesse uma sessão... Eles têm! Tem por exemplo: Ulysses, eu gravei deles... E mas tem outros filmes históricos que seria legal! Aquele do vulcão foi muito bom o documentário deles... Eu tenho muitos documentários deles. Eu uso muito isso. E passo pros meninos aí.

AP: Você usa o arquivo aqui da escola também ou não?

P4: Não, arquivo não... É... com o meu mesmo. Porque o da Escola é mais pra nós. Do jeito que foi gravado... aqueles debates, entendeu? É mais uma troca de experiências que pro aluno não vem ao caso, né... Porque pra eles interessa o que estava passando lá. Não vão entender isso.

AP: E pra você, qual é a importância de usar o TV Escola? Por que você começou a inserir o TV Escola como atividade pedagógica com os alunos? Qual a importância?

P4: Ah, tudo que é novo, eu gosto, sabe? Eu não gosto desse negócio de ficar... Não fala comigo que eu tenho que ficar em quatro paredes, lá com aquela mesmice... Ah, não gosto disso não! Então, tudo o que é novo: "ah, vai passar? Vamos ver como é que é! Vamos mostrar um livro? Vamos ver como é que vai ficar!" Experimento mesmo, trago novidade... Então foi por questão de querer novidade que eu comecei!

AP: E qual é o aproveitamento dos alunos depois que eles assistem os filmes?

P4: Eu já acostumei tanto, né, que pra eles isso aí já é normal! Tem um bom aproveitamento sim. Eles gostam. Eles já acostumaram. Dou, por exemplo, eu dei "Origem do homem americano" aí passou na Record o documentário "O homem em Undertown". Gravei no segundo, não foi desde o início não. Mas gravei pros meninos, trouxe e tal. Ah, que maravilha! Porque eles vivem mais, vivenciam mais o que aconteceu naquela época, sabe? Porque é meio difícil falar: "Paleolítico, Neolítico, era assim, era assado!" O que eles que eles tão vendo?

AP: A importância do TV Escola você acha que é isso, na ilustração de um período ou então você acha também que ajuda os alunos a raciocinarem, a refletirem sobre a própria televisão?

P4: Ela é um lado bom da televisão, entendeu? Porque eu falo com eles: "você não vão ficar assistindo só... Não tenho nada contra a Globo! Mas você não vão ficar assistindo só Globo! Vamos assistir os outros canais, vamos ver o quê que eles têm bom ali pra você, né! Pra nossa vida..." Pra gente aprender a ficar pelo menos um pouquinho crítico, porque não adianta também você ser muito porque vem de cima pra baixo mesmo! O negócio desanima! Hoje eu tô meio baixo baixo astral... ai, ai...

AP: Você acha que isso serve como disparador de discussão em sala de aula?

P4: É um dos, né!

AP: É um dos recursos que você usa? Você usa outros também?

P4: Ah, uso! Eu uso muito jornal, muita revista, eu assino a Veja... E rasgo, trago pra cá e o menino o que tiver que... faz transparência! Todo recurso disponível, quando não tem na escola, eu trago da minha casa. Entendeu? Porque precisa. Eu sinto uma necessidade muito grande, essa de trocar essa experiência com os meninos, de aprender junto com os meninos, sabe? Os meninos, às vezes, de repente, o que acontece na indisciplina, pode ser a insatisfação de uma aula.

AP: Pois é, e aí como é que você faz? Na hora de escolher um vídeo, isso não fica meio complicado? Às vezes um aluno não gosta do vídeo... Como é que você pensa na hora de escolher o que vai passar em sala de aula?

P4: É... eu não passo nos primeiros momentos. Eu analiso primeiro a turma da qual eu tô trabalhando, né. E o trabalho do qual eu tô fazendo também porque... quer dizer... igualzinho a esse filme da Pré-história: eu dei,

falei, trouxe gravura, trouxe transparência, fizemos desenho, etc e tal... E depois eu trouxe o filme pra fechar, sabe? Então eles já tiveram uma noção. Pra eles fica mais fácil. Hoje, Sexta série: tô no renascimento. Aí... Romeu e Julieta! Né, vamos falar de Shakespeare! Aí fala sobre Shakespeare, vamos aí...Romeu e Julieta! Não achei o antigo, fiquei buzina porque não achei o antigo! E...Mas eu vou procurar! Vou procurar na internet! Eu vou achar, você vai ver! Ano que vem eu acho e trago ele. Não desisto não, que é muito mais fácil pros meninos verem, sentir realmente o que tava acontecendo naquela época, sabe? Aí adoraram, sabe? "Nossa, mas que amor! Que não sei o que!" Então pra eles, dá pra fazer comparação. Hoje, porque aí fizeram uma adaptação... E o que acontecia antigamente, pra eles. Eles têm noção de três épocas. É muito melhor! História é, pelo menos no meu tempo, era cansativa. Adorava a professora de história porque ela era, sei lá! Conversava com a gente e tal. Mas era só quadro. Cuspe e giz, como dizem, né! O meu objetivo é gostarem. Que eles gostem da minha matéria. E pra isso eu faço qualquer palhaçada na sala! Faço teatro, fazendo peças e qualquer negócio! Livros, eu trago livros pra eles.... Trago lá da prefeitura porque agora que tá, né, começando a organizar a biblioteca, então tá mais na parte da 1ª série e tal...Das primeiras, né! E aí eu trago de lá e ponho essa meninada pra ler. Porque eles tão precisando de ler! Muito, muito mesmo. E com isso fica uma aula agradável. Tenho poucos problemas de disciplina.

AP: P4, como você planeja uma aula que vai passar um vídeo? Assiste antes?

P4: Ah, assisto! Isso é um cuidado que eu tenho, sabe por quê? "Em nome da Rosa", né? Aí, o que acontece? Tem lá o padre beijando a menina, agarrando a menina, tirando a roupa da menina... Na televisão eles podem ver isso que é normal. Mas passar aqui na escola é zebra. O quê que eu faço? Eu gravo e tiro aquelas cenas. Por incrível que pareça, como eu falei. Tive que aprender a mexer com esses "botãozinho" tudo por quê? Cinquenta anos, colega, e ficar mexendo com esses "botãozinho", pra minha geração é meio difícil, meio complicado! Aí eu corto, aí eles ficam assim: "Oh, Dona, mas ele só beijou?" Falei: "Não, ele deu uns agarro lá, falou? Pode deixar!" "Mas a senhora não passou?" "Eu não, vocês ficam rindo!" Aí, pra 8ª série é diferente, né! Passei " O Cangaceiro", com Luiza Tomé e eles... Normal. Eles são mais adultos, tudo bem! Mas eu corto cenas. Corto pra evitar também...sei lá! Quem assiste, aumenta um ponto, né! De repente, até atrapalho. Apesar de quê são filmes que são recomendados, né, pelos livros que nós usamos e tudo mais. Mas eu corto. Por precaução! (risos)

Eu cortei uns pedacinhos de Joana D'Arc também. Cortei mesmo porque era aquele conflito que ela tem com o subconsciente e tal, entendeu? E não dá pra eles entenderem isso. Acho que foi isso mesmo. É complicado. Então, o que eu acho que é complicado, analiso com eles e tal... Vejo... Tem turma que é diferente. Muda de ano pra ano também, tá? Porque eu já tive turma de 6ª série que eu pude passar o Joana D'Arc inteiro. Essa desse ano eu já cortei. Então, tem que levar a sério.

AP: E os outros professores daqui da escola?

P4: Ah, não sei! Tem uns que fazem também, tem outros que não, entendeu?

AP: Por que alguns deles não usam o TV Escola?

P4: Não sei! Eu nunca perguntei isso não, sabe? Nunca tive a curiosidade! E eu comento o que eu faço, as meninas aqui todas sabem, tem sempre reunião no papelzinho aí pra vir pra cá e tal... Aqui eles usam bem a biblioteca, né, Regina? Vídeo também!

Mas que ajuda bem a gente, ajuda, sabe?

AP: Os alunos se interessam mais pela matéria a partir do momento que você põe um vídeo pra assistir? Você acha que eles começam a usar, por exemplo: vai fazer um trabalho em sala de aula, um trabalho em grupo. Eles pensam na possibilidade de apresentar um vídeo pra apresentar pro resto da sala, de fazer o uso também?

P4: É, porque a partir do momento que você usa vários recursos, você vai passar isso pra vida do seus alunos. Mesmo que ele não use isso hoje, tá? Mas daqui a uns dois anos... Ah, usam sim. Eles viram o efeito, gostaram... Tudo o que a gente gosta, a gente não faz outra vez? Então acredito que sim...

AP: Você já teve alguma experiência não foi tão boa, que os alunos não tenham aproveitado o vídeo? Ou você julga que sempre foi proveitoso, que...

P4: Não. Teve uma vez, acho até que foi esse ano, que eu passei um documentário sobre a África, eu acho que foi. Não me lembro... Sei que eu passei um documentário...é! Foi da África! Aí eu não vim, eu tive aula...não sei o que aconteceu! Só sei que alguém que passou pra eles. Não sei. Só sei que não deu resultado legal não. Ainda comentei com eles e eles falaram: "Ah não, dona, é que juntou a sala..."

Ah, foi naquela semana da recuperação! É! Aí, realmente tem que ser um ambiente tranquilo. Isso influi! Você não vai colocar numa sala dessa aqui duas salas, sessenta e tantos alunos, que você pode tirar o cavalo da chuva que não vai dar

produção não, não vai dar resultado não. Primeiro por causa do som, né... Eles têm que ouvir. Hoje, por exemplo, lá em cima eu passei e eles gostaram do som porque a televisão é outra, então tem o som melhor. E na sala também, que aí eles ficaram no lugarzinho deles... Gostaram, sabe? Então o espaço pra eles foi bem melhor. Gostaram sim.

Então isso tudo você tem que analisar: o ambiente, a sua disposição... Tem momentos que você tem que parar o documentário, o que você estiver passando... E conversar com eles. Ver se eles estão lembrando aquilo. Que principalmente 5ª série, sabe? Os meninos saem por exemplo, da 4ª série pra 5ª série, há uma diferença muito grande. Eles saem de lá com dois professores e chegam aqui: cinco, seis, sete professores. Pra cabecinhas deles é diferente. Além do biológico também, né, porque eles tão começando a apaixonar por Deus e o mundo, né, os artistas e etc e tal! Então isso tudo você tem que ver. Tem que comparar: no meu caso, por exemplo, comparo realmente a história de hoje, o amor de hoje, o ficar de hoje que é diferente, né! Logo no início do ano eu faço essa comparação. Por isso que eu uso muito.

AP: Você usa muito minissérie?

P4: Não, a única minissérie que eu usei e não foram todos os capítulos, foi aquela do bandeirante, que eu esqueci o nome dela agora, no momento. Até usei em geografia.

AP: Ah, você dá aula de geografia?

P4: Ah, dou! (risos) Ah, minha filha! Dou, dou... Na prefeitura, dou de Geografia. Aí dou lá no São Judas Tadeu e no Antonino Lessa. Lá eu dou de geografia.

AP: Então você trabalha à tarde...

P4: As duas matérias que eu gosto! E dá pra conciliar muito. Então, essa minissérie eu usei... Como é que chamava? Uma dos bandeirantes...

AP: Muralha?

P4: Muralha! Isso mesmo! Eu gravei uns capítulos muito interessantes, sabe? Aí eu passei pra eles!

AP: Achei que você desse aula à tarde e à noite aqui.

P4: É! À tarde... por exemplo, hoje à noite eu dou uma aula. Uma às cinco da tarde e uma à noite. Porque não dá à tarde pra formar um cargo. Por isso.

AP: E fica meio complicado pra planejar a aula?

P4: Não!

AP: Porque são 3 escolas que você dá aula!

P4: E em séries diferentes!

AP: E mesmo assim você tem tempo de gravar?

P4: Ah, tem! Ih, tem! Falou em escola, tem! Tranquilo! Nossa Mãe! Porque dá, boba! sabe por quê, óh: aqui, por exemplo, 6<sup>a</sup> série: 6<sup>a</sup> série no São Judas Tadeu eu dou na Sexta. 6<sup>a</sup> no Antonino Lessa também. Mesma matéria, né, então há umas pequenas alterações por causa de nível de sala, de série e tal, mas não são tantas assim. Então dá! Tranqüilinho. E a matéria... a história é infiltrada, né, na geografia...Muito. Apesar de quê, eu não fico só em história e geografia não, sabe? Dou poesia, pego algumas leituras assim, sabe? Do próprio livro de português também eu pego. É gostar do que faz, né!

#### 9.5- *Entrevista com professor P5*

**P5:** Professor de Geografia 5<sup>as</sup>, 6<sup>as</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> ano do ensino médio na Escola Municipal E3, localizada na periferia de Juiz de Fora. A escola começou a montar a videoteca recentemente, por incentivo do professor. Não possui antena parabólica.

AP: Você usa o TV Escola?

P5: É, eu uso muito as fitas de vídeo porque eu acho que o ensino, principalmente a geografia, a gente tem que conciliar, né, a questão visual, a questão também do áudio. E o vídeo ajuda muito, principalmente a geografia, que é uma ciência explicativa, falando de paisagens... Então é impensável você estudar geografia sem mostrar o vídeo. É uma ajuda muito grande. Sem contar que a dificuldade dos alunos também é imensa. Isso em qualquer nível, principalmente escola pública. Então o vídeo ajuda muito compreensão, um complemento. Eu uso o vídeo como complemento da disciplina.

AP: Ele chega em algum ponto, substituir o vídeo didático?

P5: Não, substituir não. Substituir é impossível. É um companheiro, é uma ferramenta. Vamos deixar bem claro isso. A meu ver, o vídeo é uma ferramenta. Substituir nunca porque a leitura é imprescindível, né. Imprescindível, não tem como substituir.

AP: E há quanto tempo você usa o TV Escola?

P5: Eu já tenho...vai fazer 3 anos que eu dou aula. Desde que eu comecei, eu uso o vídeo, tá? Né, são fitas... Ah, e outra coisa! As fitas não podem ser aquela coisa muito massiva, muito técnica. Tem que ser o mais simples possível. Eles gostam de coisa mais da realidade. Eu, por exemplo, quando falo de paisagens, vou mostrar, uso muito o Globo Repórter, que são reportagens muito interessantes, na linguagem deles, de fácil compreensão...Basicamente isso.

AP: Tempo mais curto, vídeo mais rápido? Como você prefere?

P5: O vídeo tem uma duração mais ou menos, uma média de trinta, quarenta minutos. Não pode ser também mais do que isso. Porque senão fica cansativo. A não ser quando são aulas germinadas, que pode pegar um filme, tá, pra alugar, no caso. Mas aí é lógico também: tem que ser um filme dublado, enfim, tem estas questões. Mas a meu ver, o ideal é de no máximo, quarenta minutos pra ter tempo de comentar o vídeo. Eu vou parando, vou comentando...

AP: Mas isso tem alguma diferença de uma turma pra outra ou não?

P5: É, geralmente... Geralmente as 5<sup>as</sup> séries, elas gostam muito. A meu ver, eles já acostumaram já. Todo conteúdo, eu costumo ter um vídeo. Eu tenho um acervo bem grande. Então eu não vejo diferença não. Mas quanto menor os alunos, mais eles gostam. Porque eles entendem mais, se identificam... identificam mais.

AP: O aproveitamento deles, em relação... os da 5<sup>a</sup> série, por exemplo, em relação aos mais velhos, tem alguma diferença? Como você acha que eles aproveitam o material audiovisual?

P5: É questão do interesse, né. Os mais velhos são mais interessados porque geralmente são pessoas que estão assim, sem estudar tem muito tempo e quando eles voltam a estudar, eles voltam com todo o gás. Os mais novos são mais imaturos. Mas quando é um vídeo, o interesse é geral. Os mais velhos gostam também muito porque a dificuldade também deles é grande. Então o vídeo vem pra complementar. Mas o gosto, assim: os mais novos ficam mais empolgados, os mais velhos, eu vejo que ajuda mais.

AP: E como você seleciona este material, pensando nisso: nos gostos de cada aluno, de cada turma... e com o currículo também da escola. Como você faz pra escolher esses vídeos: você escolhe só o TV Escola ou você usa também outro tipo de material?

P5: Sim... É, eu fiz um convênio com a Globo juntamente com a escola, que eu posso alugar aqueles filmes da Globo: Globo Repórter, Globo Ciência, Globo Rural, isso tudo. Tenho também da TV Escola, tem uns da Discovery... O material impresso, como trabalho com a geografia, é muita atualidade, né... Jornais, revistas, Caros Amigos - sempre é Ensino médio, uma ou outra revista Veja -eu não gosto tanto, caderno Mais da Folha de São Paulo... Basicamente isso, pra Ensino Médio.

AP: você que grava os filmes do TV Escola?

P5: Eu gravava. Agora eu tô usando... com este convênio da Rede Globo aí tá me ajudando mais, né... Que aí eu vou lá,

olho no disquete o que eu preciso, ligo pra lá e eles me entregam.

AP: O acervo aqui da escola, como que é?

P5: A gente tá começando agora. Apesar... Foi eu que dei andamento a isso pra começar o acervo na escola. Porque... tá recente. Coisa de uns 4 meses, deve ter aí o que? Uns 25 filmes no máximo

AP: Aqui não tem professor de uso de biblioteca não? Que fique responsável pela biblioteca, selecione filmes, livros também...

P5: Não... A videoteca tá sendo montada ainda. Porque está sendo gravada aqui na escola. Tem, parece, que de manhã e de tarde, tem uma pessoa responsável pela biblioteca. À noite nem sempre, que à noite aqui é suplência. Então é mais complicado, né... Trabalhar com suplência é completamente diferente com que se trabalha no ensino regular. Mas, se precisar, tem a pessoa que fica disponível pra pegar. Mas não fica constante não.

AP: Quais as dificuldades que você acha pra selecionar um material? Você estava falando que você que tem que selecionar seu material. Isso é um empecilho de vez em quando?

P5: Não, não é empecilho não, entendeu? Não custa nada. É só pegar o disquete, colocar lá, escolher e clicar e anotar.

AP: E os outros professores aqui da escola?

P5: À noite, a professora de história usa bastante também. Não os tipos que eu uso, né, mas ela usa filmes de história, história antiga, Egito, estas coisas... Mas, a meu ver, é mais o professor de história e de geografia que usa. Professor de ciências também costuma mostrar alguma coisa da Discovery, tá? Aqui à tarde tem um professor de história que usa muito o vídeo também. Ele usa demais o vídeo. Mas... À noite aqui parece que sou eu que mais usa.

AP: Por que você acha que os outros não usam?

P5: Ah, eu não sei responder por eles não... Eu entendo, como já te falei inicialmente, que pra geografia, eu posso falar em nome da geografia, é fundamental. É muito enriquecedor você ver, ouvir, do que aquela coisa fria que às vezes é o livro. Mas é necessário também. Mas o vídeo é um complemento, como eu falei.

AP: Você acha que aprofunda mais a matéria, os alunos ficam mais interessados?

P5: Ah, aprofunda com certeza. Sem dúvida, entendeu? Igual, por exemplo: eu trabalho a região nordeste, né, na 6ª série.

Aí falo sobre o problema da seca, a questão de relevo, de hidrografia... pra eles verem também tudo em vídeo. Aí: "tão lembrado, gente, daquela aula que eu falei? É isso aí! Aquilo lá que é mata, que é a caatinga! Olha só: aquela vegetação parece com a da nossa realidade aqui? Não, não parece!" Quer dizer, então, trabalho mais basicamente por aí.

AP: E eles ficam mais críticos em relação à televisão?

P5: Ah, certamente! Eu passei um vídeo do Globo Repórter sobre o MST e o vídeo era bem parcial em relação aos ruralistas. Aí a gente criticou isso: "por que será que a Rede Globo não foi tão a favor do MST?". Então eu fiz até um seminário em relação a isso. E eles discutiram, a gente chegou à uma conclusão de que realmente o poder do capital, que é o lado que a Globo está, às vezes não é de tão interesse pra que ela proteja tanto o MST.

AP: Ah, então você usa esse tipo de vídeo também pra discutir temas mais transversais?

P5: Sim, sim. Com certeza! A geografia, por si só, ela já é transversal. A geografia, ela é interdependente. Economia, política, ciências, história... Você dar uma aula de geografia sem falar de economia, de política, de direito... Porque você fala de cidadania, você fala de direitos, de deveres. Então você entra em tudo. A geografia, por si só, ela é transdisciplinar.

AP: Você acha que isso dispara a discussão em sala de aula?

P5: Dispara. Depois dos vídeos, eu costumo observar que eles falam muito, né. "Ah, professor, era isso que você falou?". Então, eles vão lembrando da aula que foi falada. E, geralmente, quando é temas mais... que provocam mais... Eles causam uma crítica assim...

AP: Aqui na escola são quantos professores?

P5: Não sei não. Mas é bastante. A escola é bem grande.

AP: A escola recebeu o Kit tecnológico do TV Escola, que é a antena parabólica, fita...

P5: Que eu saiba não. Que eu saiba não. A escola adquiriu há pouco tempo uma televisão de 29 polegadas, que ajudou muito, porque a televisão de antes era de 20 era péssimo o som. Aí ajudei também a reclamar. Reclamei demais! Chegou uma televisão nova, um vídeo novo, mas... que eu saiba, não tem parabólica não...

AP: Os recursos que vocês têm foram captados pela própria escola mesmo?

P5: Sim, acho que sim.

P5: Eu acho que usando vídeo, usando livro...Certamente ainda falta coisa, né. Porque nunca é demais. Acho que falta às vezes pegar um ônibus, sair com a molecada... Porque aqui é à noite, é complicado, tem restrições... São ferramentas. Não é completo. Sempre há deficiências, é lógico. Não há um trabalho perfeito. Mas certamente, sem dúvida, o vídeo contribui pra melhora do ensino.

AP: Você já trabalhou sem vídeo?

P5: Não, nunca trabalhei. Fica difícil. É sempre com vídeo, complementando. É lógico que tem assunto que não tem como você complementar. Agora, tem uns que são fundamentais, tá?

AP: Quais são os temas de vídeo que você usa pra sua disciplina? Me dá um exemplo.

P5: Origem do Universo, que é uma coisa muito complexa, muito abstrata pra eles, aí mostra pra eles os planetas, o sol... O universo... A questão de paisagens brasileiras: tem um vídeo pra cada região. Região Norte, Nordeste, mostra a paisagem... Tenho um vídeo sobre o MST que eu já falei... Tenho um vídeo sobre a interdependência da vida marinha, aquática... que a gente estuda em ciências, que a geografia também mete o bedelho... Tem um vídeo sobre economia, sobre produção industrial, Fordismo, 1ª e 2ª Guerra Mundial... Tem um vídeo sobre Guerra Fria...Tá? Porque depende também: história ou geografia...

AP: Do TV Escola, qual que você já usou?

P5: TV Escola? Origem do Universo, entendeu? É do TV Escola... Tem um da Guerra Fria que é da TV Escola, tá? Tem outros, que não me vêm à memória agora. Um de deserto, de regiões polares da terra...

AP: Você dá aula só nesta escola?

P5: Este ano é. Este ano é.

AP: E quantas turmas? Só à noite mesmo?

P5: Só. São 6 turmas.